

Magalu inaugura
'super point' no
espaço da antiga
Livraria Cultura
em São Paulo



Com crise dos
Correios, déficit
das estatais sob
Lula 3 é recorde
em 25 anos



Porsche de R\$ 1,5 mi
chega ao Brasil:
modelo terá
apenas 1,5 mil
unidades à venda



ISTOÉ Dinheiro

Edição 12 - 12/12/25

FÚRIA DE TITÃS

O embate entre a Netflix e a Paramount pela Warner Bros. Discovery
lança a indústria do entretenimento em uma nova fronteira



Capa

Página

9



DADO RUVIC/REUTERS

Netflix, Paramount e os meandros da disputa pela Warner Bros. Discovery

Índice

CAPA: MONTAGEM COM IMAGEM GERADA POR IA E FOTOS DE DIVULGAÇÃO E MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

- 3 ENTREVISTA**
- 6 ECONOMIA**
- 9 INTERNACIONAL**
- 15 NÚMEROS DA SEMANA**
- 16 MERCADO DE CAPITAIS**
- 18 FINANÇAS**
- 20 EMPRESAS**
- 27 ESG**
- 29 RURAL**
- 34 TECNOLOGIA**
- 35 AUTO**
- 37 ESTILO DE VIDA**
- 38 O MELHOR DAS REDES**
- 39 PALAVRA POR PALAVRA**



RICARDO MORAES/REUTERS



REPRODUÇÃO LINKEDIN



DIVULGAÇÃO

Brasil terá onze unidades de Porsche raro

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ
Dinheiro

EDITORA

Érica Polo

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Akermann

DESIGNER

Mayara Novais

www.istoeedinheiro.com.br

Instagram

instagram.com/istoe_dinheiro/

YouTube

m.youtube.com/@istoe_dinheiro

X

x.com/istoe_dinheiro

Facebook

facebook.com/istoeedinheiro

TikTok

tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn

linkedin.com/company/istoe-dinheiro/

Redação e correspondência

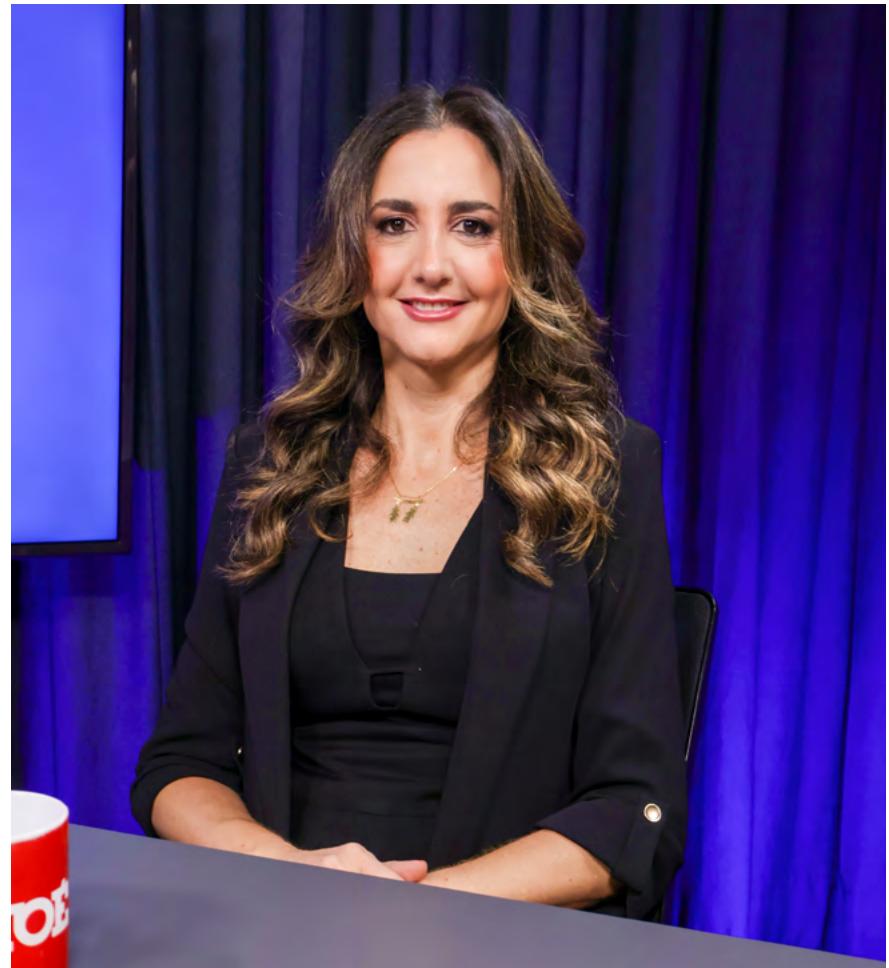
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ DINHEIRO é uma publicação semanal de Istoé Publicações LTDA., empresa detentora das marcas Istoé e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a Editora Três Comércio de Publicações LTDA. (em liquidação judicial)

“Medicina é a nossa joia”

Paula Harraca, CEO da Ânima Educação, fala sobre os diferenciais da estratégia para conquistar alunos, as mudanças regulatórias no Brasil e destaca a “revolução silenciosa” no curso de medicina, devido à alta participação de mulheres

A participação feminina nos cursos de medicina da companhia alcança 70% das 12 mil cadeiras



RODRIGO NORBRE / CDI

Uma das companhias sob escrutínio dos investidores no setor de educação, a Ânima, concluiu o processo de aquisição da Laureate, uma rede internacional de ensino superior, em 2021, ajustou sinergias, e tem conseguido bons resultados financeiros – o que desperta a atenção do mercado para os próximos passos. A empresa que faturou R\$ 1 bilhão no terceiro trimestre, e viu o lucro crescer 14%, quer manter a estratégia de modelo híbrido de ensino e, entre os cursos, seguir investindo no modelo desenhado para medicina – a joia da companhia. Paula Harraca, ex-Arcelor Mittal e CEO da Ânima, primeira a conduzir a empresa sem inte-

grar o grupo de fundadores, fala sobre a trajetória da companhia no mercado de educação, que se orgulha de ter oito a cada dez graduados atuando nas áreas de formação escolhida.

Acerca do aumento do protagonismo feminino – nas empresas e na educação – Paula Harraca, CEO da Ânima Educação, destaca o que considera uma ‘revolução silenciosa’ em cursos de graduação em medicina. Dentro dos quadros internos da empresa, que detém 18 instituições de ensino e cerca de 500 polos de educação, vê um aumento drástico na participação de mulheres.

Eduardo Vargas

Você tem no currículo mais de vinte anos de ArcelorMittal. Como a sua trajetória impacta a gestão hoje na Ânima Educação?

Morei em seis países ao longo de duas décadas na ArcelorMittal. Essa é uma das grandes vantagens de trabalhar em uma multinacional: a oportunidade de viver em diferentes países. [Mesmo estando na mesma companhia] Não sinto que foi na mesma empresa, pois a cada um ou dois anos era um novo desafio. Minha infância foi em Rosário, na Argentina. Uma vez que cheguei aqui, me encantei pelo Brasil. Eu acredito que a cultura brasileira tem algo único, o brasileiro é muito criativo, de

bem com a vida e tem uma alegria de viver. Eu fui muito acolhida. A minha carreira na ArcelorMittal foi longa e me levou a ser a primeira mulher a chegar ao C-Level da América Latina no negócio de aços longos, inicialmente na área de pessoas, inovação e comunicação, e depois expandindo para Chief Future Officer, cuidando da estratégia, inovação e novos negócios. Essa experiência me permitiu trazer para o universo da educação muita disciplina, método e um equilíbrio fundamental entre propósito e pragmatismo. Costumo dizer que minha missão na Ânima se resume a cuidar muito bem desses dois senhores, garantindo que nenhum domine o outro, pois pragmatismo sem propósito não faz sentido, e propósito sem pragmatismo é impotente.

Você mencionou o cargo de Chief Future Officer. É um cargo inusual no C-Level. O que exatamente faz um Chief Future Officer?

Eu acabava de voltar de um treinamento no Vale do Silício como futurista, que é a capacidade de desenhar futuros desejáveis, possíveis e plausíveis. Não é um planejamento estratégico que projeta o presente para o futuro, mas sim um exercício que olha para o futuro a partir do avanço tecnológico e do comportamento humano. A partir desse futuro, você projeta a organização no presente. Foi um exercício inédito, não existia na ArcelorMittal mundial. As áreas que compunham a minha diretoria eram: estratégia, ESG, inovação aberta (criamos o primeiro laboratório de inovação aberta, o Solab, importante para a transformação cultural) e Comunicação 360. Também era fundamental o Strategy Delivery Office, basicamente uma área para gerenciamento de projetos, que conectava o plano de longo prazo com o orçamento anual e os resultados trimestrais, nos conduzindo ao futuro desejado.

Como foi assumir essa cadeira, considerando que você foi a primeira CEO da Ânima que não é um dos sócios fundadores, e de que forma isso transforma a governança da companhia?

Primeiro houve um processo de conexão muito profunda de valores. Os



sócios fundadores dedicaram a vida a construir a Ânima, então encontrar a pessoa que pudesse entender e honrar essa essência foi fundamental. Logo quando cheguei, me pareceu muito importante escutar — escutei os sócios, conselheiros, alunos, professores e educadores. O passado nos ensina, o presente nos determina, o futuro nos inspira. Meu cuidado com essa história é olhar para o passado como fonte de aprendizagem, com muito respeito e admiração pelo que foi construído, resgatando os pilares fundamentais e revitalizando esses valores para os novos tempos da educação.

A companhia vale mais de R\$ 1,3 bilhão, e é bem negociada na bolsa de valores. O que fez o mercado

ganhar otimismo e quais são os planos para 2026?

O mercado talvez estivesse cético, esperando o fechamento do ciclo da integração dos ativos da Laureate [negócio de compra finalizado em 2021] e uma expectativa forte de que a Ânima voltasse a crescer sua receita e base de alunos. Entregamos resultados muito robustos no terceiro trimestre de 2025: crescemos mais de 7% a receita, superando R\$ 1 bilhão no trimestre, e a geração de Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) foi de R\$ 303 milhões, crescendo mais de 14%. A margem foi a melhor histórica, superando 30%, e conseguimos reduzir nossa alavancagem para 2,4 [endividamento para financiar operações], o melhor nível dos últimos onze trimestres. Esse resultado

Entrevista

é de uma jornada e mostra a solidez de uma receita de qualidade. Além dos resultados, há o novo marco regulatório da educação, sancionado em maio e efetivado em setembro, que é uma mudança estrutural no setor. Ele veio ao encontro do que a Ânima sempre acreditou: que a educação com qualidade em escala se faz possível através da hibridez (o híbrido ou semipresencial). Nossa momento é de crescimento, com metas audaciosas para 2026, focando no crescimento de ticket e atração, melhorando continuamente a proposta de valor.

Sobre as aquisições, após a Laureate, a companhia pensa em novas aquisições ou o foco é reduzir o endividamento?

Todos os nossos pagamentos são em longo prazo, o que nos deixa com uma geração de caixa robusta, saudável e distribuindo dividendos. Estamos prontos para olhar as oportunidades. A alavancagem em 2,4 é um nível historicamente saudável. Agora, as oportunidades de M&A são cirúrgicas, ou seja, [consideradas] condições favoráveis, ativos que conversem com a qualidade da Ânima e que tenham muita chance de sucesso. Estamos atentos às oportunidades do mercado. Nossos dois grandes drivers de valor são a alavancagem operacional (ganhar escala) e a rentabilidade da medicina e cursos de maior valor agregado.

O setor de medicina é extremamente relevante para o desempenho da Ânima. Qual é a participação desse curso na receita e como vocês enxergam o segmento?

Medicina é a nossa joia. É um negócio extremamente resiliente, representando mais de 60% da rentabilidade. Os doze mil alunos do curso estão estrategicamente localizados em territórios de maior Produto Interno Bruto (PIB) per capita [renda por pessoa]. Nosso diferencial se baseia em quatro grandes atributos: Medicina Integrativa (que olha o ser humano na sua integridade), o projeto Travessia Humanitária (missões humanitárias onde os alunos servem e são transformados), os Centros Integrais de Saúde (CIS), que são postos avançados do SUS para a prática dos

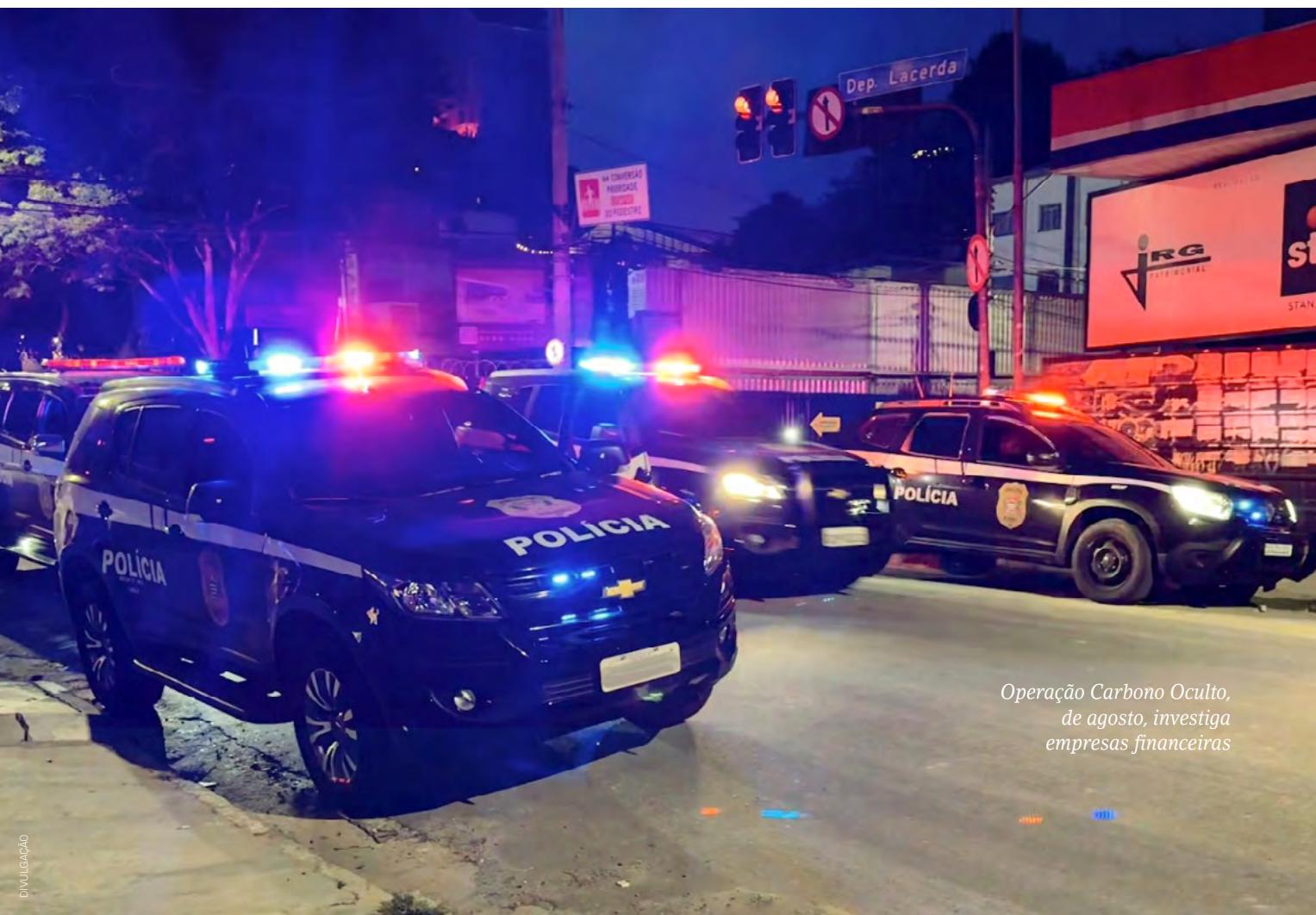


alunos, e a educação médica continuada. Vemos uma grande avenida de crescimento no ticket através da diferenciação da nossa proposta de valor e da construção desse ecossistema de saúde, que vai além da graduação. E tem uma revolução silenciosa acontecendo em cursos de graduação de medicina. Mais de 70% das doze mil cadeiras em nossas salas de aula são mulheres. É um fenômeno interessante. Haverá um impacto em posições de liderança, dado que especialmente em comunidades e municípios menores o médico é uma referência como um prefeito.

Você tem um livro sobre o poder transformador do ESG. O que vocês têm feito que você destaca como

ação marcante em ESG na Ânima?

ESG, para mim, é tornar sua empresa melhor para o mundo. Não é uma área ou um relatório, é o que fazemos com nosso core business. O que nós fazemos todos os dias é servir à sociedade, preparando cidadãos melhores. Nossa grande missão é trabalhar para ser o melhor ecossistema de educação para o Brasil, o que significa ser melhor para o aluno, professor e sociedade. Acredito que o ESG tem a ver com confiança, que se constrói com transparência e coerência. A Ânima tem uma visão pioneira sobre o ODS 4 (educação de qualidade) [ODS são Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela ONU]. Minha missão foi resgatar e potencializar aquilo que a Ânima já era. **D**



Operação Carbono Oculto, de agosto, investiga empresas financeiras

Cerco aos devedores

Projeto de lei que pune os empresários sonegadores de impostos passa pela Câmara e vai à sanção presidencial. Texto ganhou força depois de operações da Polícia e Receita Federal

Duas grandes operações recentes conduzidas pela Receita e Polícia Federal, com a participação do Ministério Público paulista e outros órgãos de fiscalização, desartaram crimes e sonegação de impostos volumosas – ressuscitando a pauta do projeto de lei do devedor contumaz. Esta figura, em resumo, é a empresa que deixa de pagar impostos com regularidade. A segunda delas evidenciou o maior devedor de impostos do Brasil, a Refit, informou a

Receita. Nesta semana, a Câmara dos Deputados aprovou o texto que estabelece regras mais rígidas para o devedor contumaz e cria programas para estimular contribuintes pessoa jurídica a seguirem normas tributárias em parceria com a Receita Federal.

Falta, agora, a sanção presidencial. O projeto de lei já havia sido aprovada pelo Senado por 71 votos favoráveis e nenhum contrário no início de setembro. Mais detalhadamente, o devedor

contumaz é aquele que não paga os tributos há pelo menos quatro períodos de apuração consecutivos ou em seis períodos alternados ao longo de doze meses. Nas empresas, vale lembrar, os períodos são mensais ou trimestrais. O projeto define mais critérios.

Os devedores contumazes são os contribuintes com débitos tributários acima de R\$15 milhões – e equivalentes a mais de 100% do seu patrimônio conhecido – que tenham mais de um



Refit, o maior devedor do Brasil

A Operação Poço de Lobato, deflagrada em 27 de novembro último, teve como foco o grupo Refit, conglomerado responsável pela antiga refinaria de Manuinhos, comandado pelo empresário e advogado Ricardo Magro, que vive em Miami, nos Estados Unidos. A megaoperação desarticulou um esquema bilionário de sonegação fiscal e lavagem de dinheiro operado pela companhia, considerada pelas autoridades o maior devedor contumaz de impostos do Brasil. Por meio de uma complexa engenharia financeira, o alvo das investigações é acusado de ter se valido de laranjas e estruturas societárias financeiras para esconder beneficiários e patrimônio. O esquema envolveu, inclusive, a abertura de fundos de investimentos nos Estados Unidos e, só em 2024, o grupo movimentou R\$ 70 bilhões. O retrato da conta de débitos tributários, informou a Receita Federal, soma R\$ 26 bilhões. A força-tarefa que participou da operação uniu a Receita, o Ministério Público e o governo paulistas e cumpriu 126 mandados de busca e apreensão em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal e Bahia. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse nesta semana que pediu ao presidente norte-americano, Donald Trump, a prisão do brasileiro.

ano de duração e não tenham causas objetivas para o atraso. Dados da Receita apontam que esse grupo representa 0,005% dos contribuintes, com cerca de mil devedores que acumulam débitos que superam R\$200 bilhões.

O texto aprovado teve parecer favorável do relator, o deputado Antonio Carlos Rodrigues (PL-SP), para quem o projeto ataca a concorrência desleal ao estabelecer critérios precisos para se-gregar a inadimplência eventual daquela que é sistemática e fraudulenta. Os candidatos a receberem a classificação de devedor contumaz serão previamente notificados e passarão por processo administrativo na Receita Federal, com prazos para apresentação de defesa e para regularização. Para contribuintes classificados como "bons pagadores", o projeto prevê benefícios.

Contribuintes com selo de conformidade ainda poderão ter desconto de 1% no pagamento da Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL) e preferência de contratação como critério de desempate em licitações. Em relação aos tributos

estaduais e municipais, valem as legislações locais e, após um ano, esses citados.

O texto gera alguma perda de arrecadação com os descontos concedidos aos bons pagadores, valor não estimado pelo Congresso, mas essa renúncia tende a ser mais do que compensada pelo ganho de arrecadação com a possível redução da sonegação. Em entrevista à imprensa nesta quarta, 9, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, celebrou a aprovação do texto. O chefe da Pasta ressaltou que a medida criminaliza esses devedores e permite inclusive o fechamento de empresas. Para ele, haverá impacto positivo na arrecadação a médio prazo.

Funcionará assim: quando a Fazenda identificar possível devedor contumaz, deverá enviar notificação e conceder prazo de 30 dias para pagamento da dívida ou apresentação de defesa com efeito suspensivo. Se não o fizer, será considerado devedor contumaz e receberá penalidades. Confederações patronais poderão apresentar questionamentos contra a classificação de

empresas associadas até a decisão final administrativa, mas não poderão apresentar recurso.

O processo será encerrado se o devedor questionado pagar a dívida integralmente. Se negociar o parcelamento e mantê-lo em dia, o processo será suspenso. No entanto, se atrasar deliberadamente os pagamentos parcelados, a Fazenda poderá voltar atrás e considerá-lo novamente devedor contumaz. Outras situações em que o contribuinte investigado deixará de ser caracterizado como devedor contumaz são a inexistência de novas dívidas assim classificadas, o pagamento ou se for demonstrado haver patrimônio em valor igual ou maior que os débitos. **D**

Um ato esperado

O Copom, do Banco Central, manteve a taxa Selic em 15% na última reunião do ano. Economistas reforçam apostas em cortes a partir de março



convirja para a meta, e que deve perseguir o centro do objetivo, não o teto. A meta de inflação do Banco Central é de 3% ao ano, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Desde a última reunião do Copom, a mediana do Focus para a inflação de 2025 passou de 4,55% para abaixo do teto da meta de inflação – de 4,50% – pela primeira vez desde dezembro de 2024. No relatório publicado nesta segunda diminuiu pela quarta vez consecutiva, para 4,40%. Já a mediana para 2026 caiu de 4,2% para 4,16%. “Mantemos nossa expectativa de início da flexibilização a partir de janeiro de 2026, mas condicionada a nova evolução positiva do cenário”, escreveu a economista chefe do Inter, Rafaela Vitoria. A economista projeta nova queda da inflação nos próximos meses, com a atividade desacelerando o que deve resultar em novas revisões de baixa das expectativas.

Já o economista-chefe da Genial Investimentos, José Márcio Camargo, disse que o tom geral do comunicado é firme e indica, com clareza, que é muito pouco provável que o processo de redução da taxa de juros tenha início em janeiro. “Como não houve qualquer indicação nesse sentido, o cenário mais provável é de que o ciclo possa começar em março – desde que, em janeiro, o Comitê dê sinais de que essa será a data adequada”, continua. Em linha com a Genial, o economista do banco BV, Carlos Lopes, escreveu que o comunicado “praticamente idêntico” ao anterior mostra que o BC tem baixa convicção sobre o início de corte dos juros em janeiro.

“Em nossa visão, se o BC tivesse convicção maior neste momento sobre um corte de juros no próximo mês, várias mudanças poderiam ter sido feitas no documento”, disse Lopes. Para o banco, janeiro é mês improvável para o início de cortes da Selic.

Nesta mesma quarta-feira, o Federal Reserve (Fed), o banco central americano, cortou a taxa de juros dos Estados Unidos em 25 pontos-base (bps), um outro movimento esperado por agentes do mercado financeiro. Trata-se da terceira redução consecutiva na taxa, que foi de para uma banda de 3,5% a 3,75%. O corte aconteceu em meio à pressão do presidente do país, Donald Trump. **D**

Sem surpresas na reta final do ano no que diz respeito à taxa de juros básica. O Conselho de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiu nesta quarta, 10, manter a Selic a 15% ao ano. É a quarta reunião seguida em que o Copom decide pela manutenção do nível de juros, o que os agentes econômicos já esperavam. Além disso, os economistas deixaram de apostar na possibilidade do início do ciclo de corte em janeiro, a despeito da melhora das expectativas de inflação.

Isso ficou claro no mais recente boletim Focus, divulgado semanalmente pelo BC após a coleta de informações pela autoridade monetária junto a mais de cem instituições financeiras. O bole-

tim evidenciou que os agentes acreditam que o início do ciclo de cortes de juros virá apenas na segunda reunião do ano que vem, ou seja, em março – quando a taxa seria reduzida para 14,5% ao ano.

A Selic está estacionada no atual patamar, o maior em duas décadas, desde junho deste ano. Até o início da última semana, prevalecia no mercado a visão de que o rumo das próximas decisões do Copom está atrelada ao trecho dos últimos comunicados que aborda a manutenção dos juros em 15% por “período bastante prolongado”. O presidente do BC, Gabriel Galípolo, disse recentemente que a autoridade monetária vai manter os juros no nível necessário pelo tempo necessário para que a inflação

WBD: lista de clássicos, blockbusters e séries de grande popularidade



Briga de cinema

Na disputa pela Warner Bros. Discovery, Netflix sai na frente, mas Paramount faz oferta hostil, embaralhando o desfecho da transação multibilionária que promete alterar a indústria do entretenimento

O roteiro poderia ter sido preparado para um capítulo de "Succession", série da HBO Max em que magnatas da mídia e tecnologia tentam fechar acordos para a aquisição de um negócio bilionário. Mas é a vida real. No centro da história está a Warner Bros. Discovery, um conglomerado que detém estúdios de TV e cinema que respondem por uma enorme lista de clássicos, blockbusters e séries campeãs de popularidade — o catálogo vai de "Casablanca" a "Harry Potter", chega em "Game of Thrones" e... "Succession". Na disputa por essa gigante do entretenimento, dois dinâmos do mercado estão jogando pesado para adquirir a companhia: Netflix, com US\$ 72 bilhões — valor que deu início a tratativas entre os conselhos —, e Paramount, com US\$ 108 bilhões, em oferta hostil (feita aos acionistas).

Apesar das cifras envolvidas num pesado jogo de negócios em Hollywood, o coração do soft power norte-americano, aparentemente não é só dinheiro que conta no desenrolar da disputa. É que a Paramount fez pelo menos quatro tentativas recentes de aquisição — ajustou a proposta daqui, dali, retirou um investidor estrangeiro chinês de seu lado da mesa (há sempre a preocupação de segurança nacional nos Estados Unidos), abriu a carteira. O estúdio que carrega o símbolo de uma monta-

nha em sua logomarca quer ampliar sua força em streaming e reúne um time de bilionários e bancos que chama a atenção: o CEO é nada menos que David Ellison — filho de Larry Ellison, dono da Oracle, o segundo homem mais rico do mundo — e o genro de Donald Trump, Jared Kushner.

Tamanhas credenciais não pareceram impressionar o alvo da oferta. O acordo de compra e venda não foi encerrado ainda, já que a Warner não deixou de considerar a Netflix — colosso que começou em 1997 como uma locadora de DVDs tornou-se uma potência do streaming e quer reforçar o time de talento criativo. A diferença dos números de capilaridade de alcance entre assinantes, se consideradas as duas propostas que estão na mesa, são impressionantes. E por isso a conclusão de compra por parte da Netflix vai levar mais tempo de avaliação por parte das autoridades regulatórias nos Estados Unidos. A Paramount+, streaming da Paramount, e HBO Max juntos teriam aproximadamente 200 milhões de assinantes globais, um número que os colocaria no mesmo patamar da Disney. Mas isso é significativamente inferior aos mais de 400 milhões de pessoas combinadas se houver uma junção entre Netflix e HBO Max. Vale relembrar como começou tal enredo, repleto de reviravoltas.

Em outubro, a Warner Bros Discovery avisou ao mercado que estava disposta a ouvir propostas de interessados em adquirir parte de seus negócios — isso porque já vinha recebendo ofertas. No ano anterior, a companhia, dona de uma receita de US\$ 39,3 bilhões, havia anunciado sua intenção de separar duas áreas. A primeira é a de conteúdo premium, com foco em cinema e streaming (os estúdios e a HBO Max). A outra é de conteúdo linear, representado pelos canais de assinatura (como CNN, TNT, Discovery) e pelo streaming Discovery+. Em um comunicado, o CEO da Warner, David Zaslav, disse, à época, que após a empresa receber "ofertas não solicitadas" de múltiplas partes, a decisão do conselho administrativo foi de "revisão de alternativas estratégicas para maximizar o valor para os acionistas". Com isso, abriu-se uma janela: propostas de compra podiam ser apresentadas oficialmente.

E, assim, as cartas começaram a ser postas à mesa. Estavam no jogo Paramount, encabeçada pelo persistente CEO David Ellison (que comprou a empresa por US\$ 8 bilhões em acordo anunciado em julho de 2024, criando a Paramount Skydance Corporation), Netflix (com investidas lideradas pelo todo-poderoso Ted Sarandos, co-CEO da líder global do mercado de streaming),

FOTOS DIVULGAÇÃO



1997

De locadora a estúdio de cinema: a evolução da Netflix

Fundada por Reed Hastings e Marc Randolph

Nasceu locadora de DVDs, que eram enviados pelo correio. A companhia não cobrava multa dos clientes por tempo a mais para a devolução e revolucionou o modelo da concorrente da época, a gigante global também americana Blockbuster



2007

Inaugurou o serviço de streaming

Os clientes passaram a acessar aos filmes pela internet, o modelo atual



2013

Produção

À medida que o streaming ganhou força e reforçou o caixa, a Netflix mudou o foco para a produção de conteúdo original. Lançou séries e filmes que ganharam o público e deram mais força ao negócio

e Comcast (por meio da subsidiária NBCUniversal). Na sexta-feira, 5, foi anunciado o vencedor: a Netflix, que detém fenômenos de audiência como "Wanda", "Stranger Things", "Guerreiras do K-Pop" e "Round 6".

Mas o que parecia ser o round final, de fato, não foi. Na segunda-feira, 8, Ellison deixou claro o tamanho de seu apetite pelo negócio. Apresentou sua oferta, em dinheiro, aos acionistas da gigante centenária com palavras contundentes: "Estamos aqui para lutar pelo valor das ações para nossos acionistas e para os acionistas da Warner". Em meio aos documentos anexados à oferta, havia uma tabela comparando as propostas.

As ofertas

A Netflix fez uma proposta de US\$ 72 bilhões, envolvendo ações e dinheiro. O valor patrimonial total (então incluindo a parte de dívida) da Warner chega a US\$ 82,7 bilhões. A operação está avaliada em US\$ 27,75 por ação. A negociação envolve a marca Warner Bros., os estúdios de cinema e TV, a divisão de games, a HBO Max e a HBO. Trata-se da maior aquisição no setor de entretenimento desde que a Disney comprou a Fox por US\$ 71 bilhões em 2019.

O fechamento do acordo, neste caso, levaria entre 12 e 18 meses, conforme as empresas, cujos conselhos aprovaram a



MIKE BLAKE/REUTERS



BRENDAN McDERMID/REUTERS

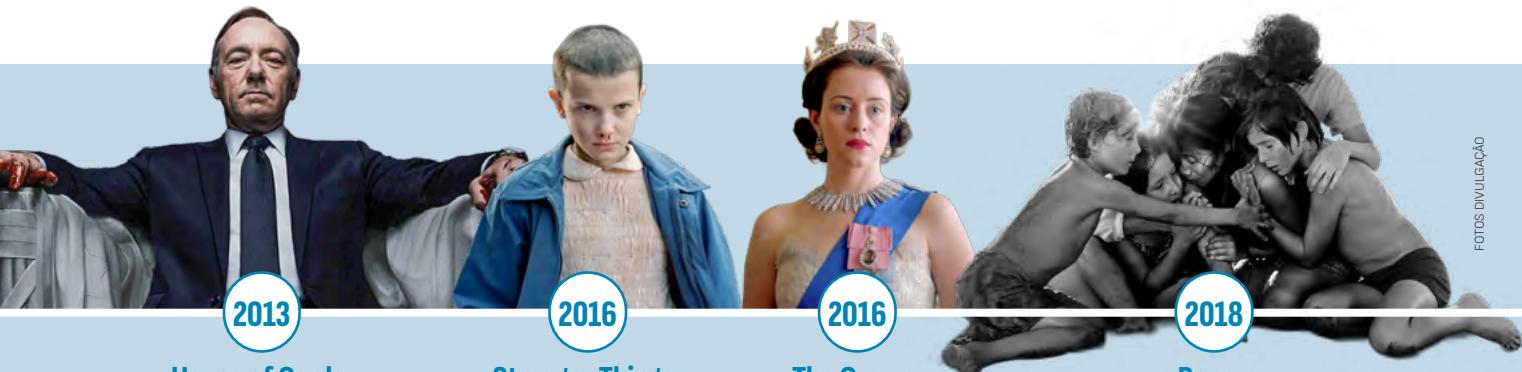
Sarandos (Netflix) e Ellison (Paramount): disputa bilionária pela Warner

proposta. Antes, será necessária a separação da área voltada às TVs lineares, de fora do acordo, que vão formar a Discovery Global, movimentação que as companhias envolvidas esperam que seja concluída no terceiro trimestre de 2026.

Sarandos, em conferência com acionistas e analistas, avisou que pretende "manter as operações atuais da Warner Bros. e ampliar seus pontos fortes". Isso quer dizer, as produções cinematográficas já em andamento e outros projetos que prometem chegar aos cinemas até

2029. No curto prazo, a Netflix sinalizou que a HBO Max deverá ser mantida como um serviço separado.

O conteúdo, porém, será incorporado ao catálogo da número 1 do mercado. "Ao adicionar os vastos acervos de filmes e séries, além da programação da HBO e HBO Max, os assinantes da Netflix terão ainda mais títulos de alta qualidade à disposição", informou a empresa. Autoridades regulatórias estão atentas ao risco de monopólio e à eventual desmontagem dos estúdios, já



FOTOS: DIVULGAÇÃO

House of Cards

No mesmo ano foi lançada a série "House of Cards", uma adaptação da minissérie homônima da BBC e conta a história do político Frank Underwood, encarnado pelo ator americano Kevin Spacey, e suas enredadas tramas vingativas no cenário político americano

Stranger Things

A primeira temporada começa em 1983, quando pesquisadores abrem uma porta para o chamado "Mundo Invertido", uma dimensão alternativa. A série teve Winona Ryder e lançou Finn Wolfhard e Millie Bobby Brown

The Crown

Um outro sucesso de público, a série aborda a vida pessoal e entorno político da rainha Elizabeth II, interpretada pela atriz britânica Claire Foy na primeira e segunda temporadas

Roma

Filme escrito e dirigido pelo mexicano Alfonso Cuarón, estrelado por Yalitza Aparicio e Marina de Tavira, discorre sobre a vida de uma empregada doméstica numa família de classe média. O título é referência à Colônia Roma, um distrito na Cidade do México. Premiado mundo afora, levou três estatuetas do Oscar em 2019 (melhor diretor, filme estrangeiro e fotografia)



MIKE BLAKE/REUTERS

Warner deve informar os acionistas sobre a proposta recebida em dez dias

que cinema não é o negócio da Netflix. A companhia, no entanto, assegura que isso não ocorrerá.

Para Ellisson, da Paramount, nada do que a rival propõe é melhor do que sua oferta. Foi nessa tecla que ele bateu ao levar sua proposta aos acionistas da Warner. Essa oferta abrange todos os negócios da corporação, incluindo a divisão com os canais pagos (área fora do acordo da Netflix). O valor que eles oferecem por ação é de US\$ 30. Ademais, a Paramount argumentou que a proposta da concorrente envolve "uma estrutura volátil e complexa", dizendo que o montante pago por papel é uma mistura de dinheiro e ações, em uma operação su-

jeita a cláusulas de proteção e ao desempenho futuro da Netflix.

A companhia liderada por Ellisson, cuja família tem importantes conexões com Trump, declarou que sua oferta de aquisição seria concluída em até 12 meses, enquanto a Netflix levaria até 18 meses para a conclusão. Pela legislação, a Warner deve informar os acionistas em até 10 dias úteis se aceitará a proposta apresentada por Ellisson. A oferta pública da Paramount, aprovada por unanimidade por seu conselho, está programada para expirar no dia 8 de janeiro de 2026, salvo extensão do prazo. É esperar para ver qual será o próximo capítulo. **D**



2019

2020

2025

O Irlandês

Dirigido por Martin Scorsese, o filme conta a história do sindicalista Frank Sheeran (interpretado por Robert De Niro), ligado ao crime organizado. Ele confessou ter assassinado o líder sindical Jimmy Hoffa (Al Pacino)

Bridgerton

Série baseada em livro do mesmo nome, se passa no início de 1800 em Londres e aborda igualdade racial e independência feminina.

Wandinha

Uma mistura de comédia e mistério, a série retrata a filha mais velha da família Addams e aborda exclusão social, intolerância e saúde mental.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O telefone não tocou

Pelos documentos da Paramount, fica evidente o empenho de David Ellisson em fechar negócio com a Warner. Ele tentou quatro vezes antes de o entendimento com a Netflix ter sido anunciado. A primeira foi em 13 de outubro. A última, antes da oferta hostil, foi no dia 4 de dezembro, já com o valor de US\$ 30 por ação. Segundo esses papéis, levados às autoridades regulatórias, Ellisson teria ajustado sua oferta após conversa com o CEO da Warner, David Zaslav. Havia uma preocupação quanto à composição financeira, muito embora vinda de grandes empresas. O líder da Paramount redefiniu a proposta. De seu lado há participantes estrangeiros (fundos da Arábia Saudita, Catar e Abu Dhabi), os quais acabaram renunciando a direitos de governança. Isso, por fim, coloca a operação fora da jurisdição do Comitê de Investimento Estrangeiro dos Estados Unidos (CFIUS), que revisa as aquisições com capital externo feito em companhias americanas por "potenciais riscos à segurança nacional". Em meio ao remodelamento, a chinesa Tencent foi retirada do grupo de investidores.

A oferta de US\$ 30 por ação da Paramount tem respaldo de US\$ 40,7 bilhões em capital de Larry Ellison e da RedBird Capital Partners. Segundo os termos da Paramount, um outro investidor, o Affinity Partners (um fundo de private equity que tem Jared Kushner, genro de Trump, à frente), também concordou em renunciar a direitos de governança e a representação do conselho.

Com os ajustes feitos, Ellisson enviou mensagem ao CEO da Warner. Zaslav não respondeu. Às 16h, o CEO da Paramount tentou novo contato. O telefone de Ellisson, porém, não tocou. A reviravolta veio na segunda-feira, 8, com a oferta hostil, uma medida que Sarandos, da Netflix, disse que já estava esperando. Mas ele e seu coCEO Greg Peters aparentemente não se abalaram. Em um evento realizado em Nova York, eles disseram que o acordo que oferecem é bom para os acionistas, para os consumidores, para os criadores e para a indústria, já que estão "protegendo empregos e produção".

Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

Chile

Quase um Pinochet

O segundo turno das eleições para presidente do Chile estão marcadas para domingo, 14. O favorito é o ultradireitista José Antonio Kast, que concorre com a candidata de esquerda, Jeannette Jara, em meio a uma campanha marcada pelo medo da criminalidade e o aumento da imigração irregular. Kast, do Partido Republicano, promete combater o crime através da detenção e expulsão de quase 340 mil imigrantes sem documentos que vivem no país. Se for eleito, ele se tornará o presidente mais à direita desde o fim da ditadura de Augusto Pinochet, em 1990.

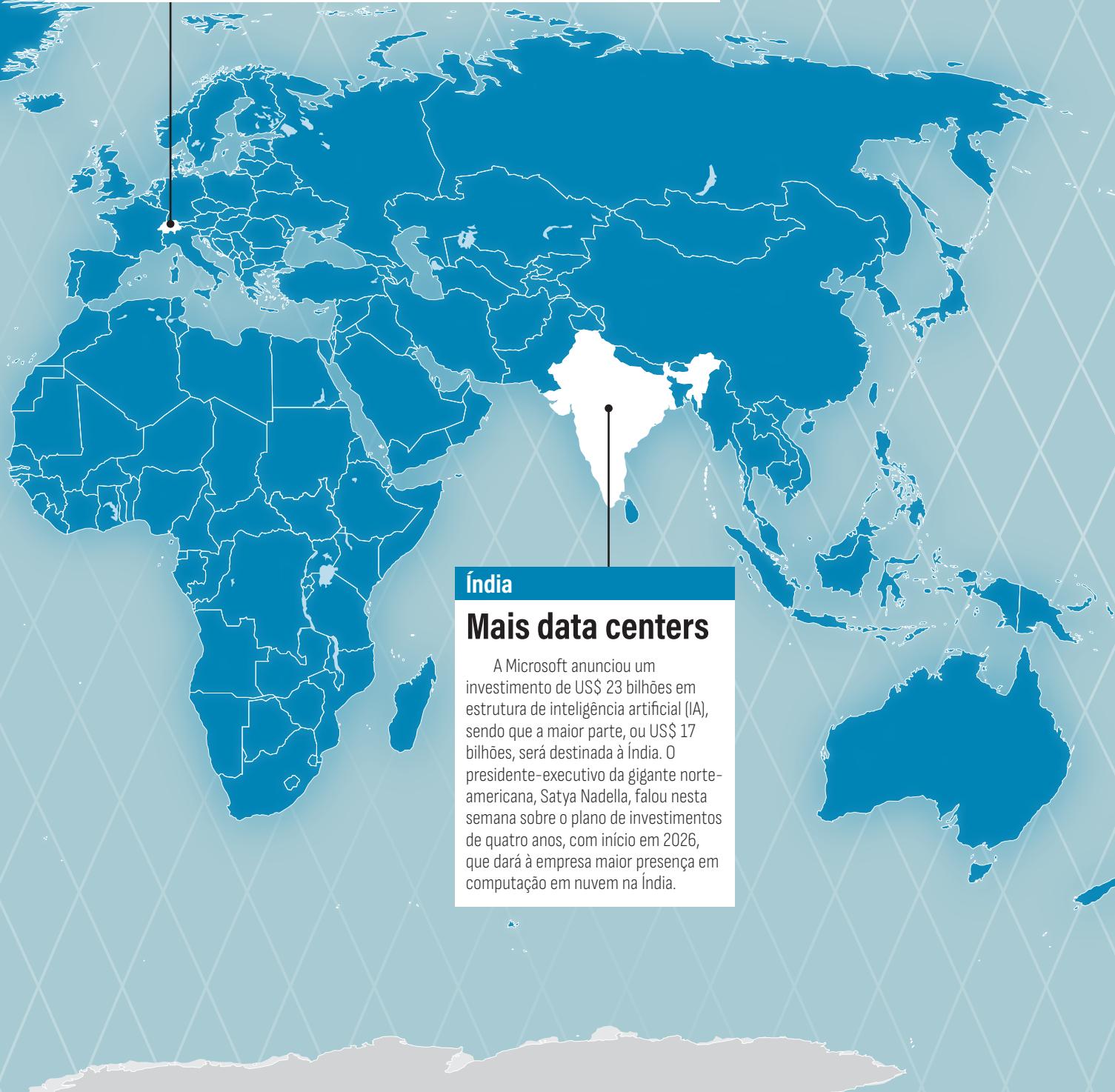
Argentina

Menos impostos sobre exportações

O governo argentino reduziu os impostos sobre a exportação de soja e cereais para aumentar a entrada de moeda estrangeira no país. A Argentina precisa de dólares para honrar compromissos de dívida que vencem em janeiro próximo. Ao reduzir os impostos e melhorar as margens de lucro para os agricultores, espera-se que as vendas aumentem e, junto com elas, a arrecadação. Em soja, o imposto caiu de 26% para 24%.

Suíça**Novo recorde para o comércio global**

O comércio mundial deverá atingir um novo patamar recorde em 2025. Para o ano que vem, contudo, vários fatores tornam as perspectivas mais moderadas, anunciou a Organização das Nações Unidas (ONU). Se as previsões forem confirmadas, o comércio mundial ultrapassará pela primeira vez US\$ 35 trilhões de dólares neste ano, representando um aumento de 7% sobre 2024. O aumento do endividamento e a desaceleração do crescimento global devem enfraquecer o ritmo em 2026.



R\$ 443 bi

é o **valor de mercado** alcançado pelo Itaú na bolsa brasileira de valores, a B3, no início de dezembro.

O banco chegou a firmar lugar no posto de empresa mais valiosa da bolsa local, deixando a Petrobras para trás, disse a consultoria Elos Ayta.

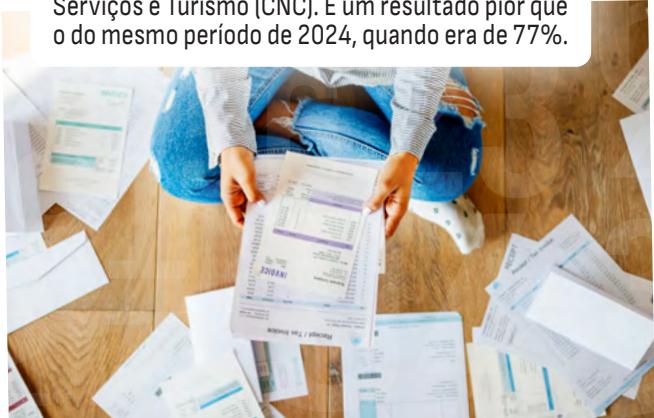


R\$ 1.621

é o valor do **salário mínimo** a partir de 2026. Representa um reajuste de 6,79% (R\$ 103) em comparação ao patamar atual, de R\$ 1.518. O novo valor foi confirmado pelo Ministério do Planejamento e Orçamento nesta semana, e ficou abaixo dos R\$ 1.627 previstos no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO).

79,2%

é o porcentual de **famílias endividadas** em novembro, indica a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), apurada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). É um resultado pior que o do mesmo período de 2024, quando era de 77%.



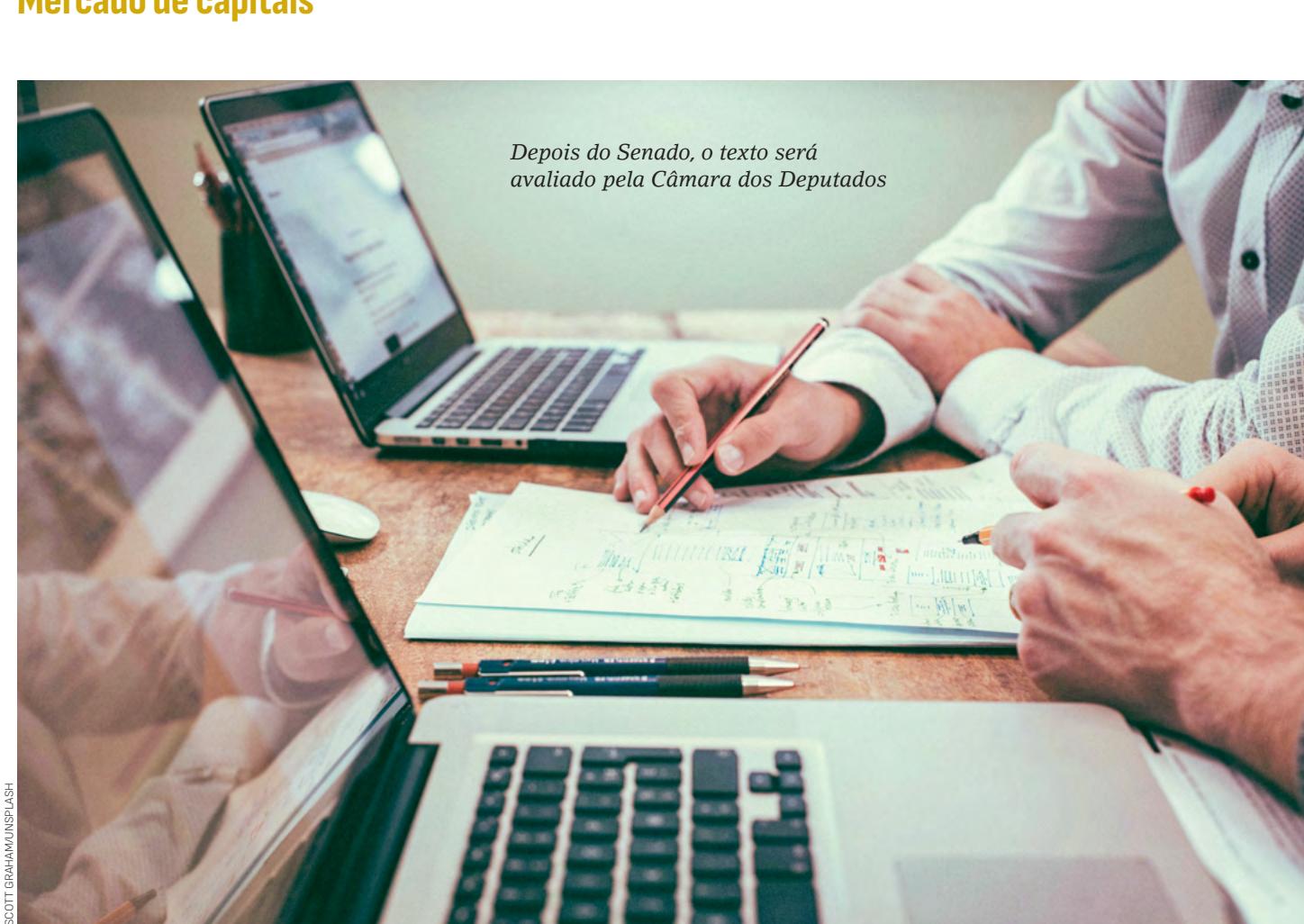
US\$ 12 bi

é o valor anunciado por Donald Trump para os **agricultores americanos**, como base de **apoio** para os produtores afetados pelas consequências das políticas comerciais e tarifárias de seu governo. Durante mesa redonda com produtores agrícolas na Casa Branca, o presidente dos Estados Unidos afirmou que estava tomando "medidas vitais para proteger e defender" o setor.

R\$ 200 bi

é o volume de **investimentos** que vai gerar a obra de uma central de processamento de dados, ou data center, a ser construída no Ceará pelo **TikTok**. A confirmação foi feita pela companhia e autoridades do governo federal há poucos dias. O projeto é conhecido, vinha sendo desenvolvido desde o ano passado, mas é a primeira vez que o aplicativo se manifesta oficialmente sobre ele.

Depois do Senado, o texto será avaliado pela Câmara dos Deputados



SCOTT GRAHAM/UNSPLASH

Mais tributos?

Projeto de lei que eleva a cobrança tributária de juros sobre capital próprio passa pelo Senado. Medida de ajuste impacta empresas de capital aberto e investidores

Matheus Almeida

Projeto que eleva a tributação dos juros sobre capital próprio, ou JCP, deu mais um passo no Congresso Nacional. O texto aumenta a tributação dos juros sobre capital próprio dos atuais 15% para 17,5%, e passou pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado neste início de mês. A mudança na legislação tributária faz parte do pacote de medidas de ajuste fiscal do governo federal, e trará impacto direto às empresas de capital aberto e investidores que negociam ações.

Assim como já ocorre com os atuais 15%, caso o projeto receba sinal verde, a nova alíquota de Imposto de Renda será retida na fonte no momento do pagamento ao beneficiário. Em sua versão final, o texto que agora segue para a Câmara dos Deputados também inclui uma permissão para que a distribuição de dividendos por empresas aprovados até 30 de abril de 2026 fique isenta. Os JCPs, vale lembrar, são mecanismos utilizados pelas empresas para remunerar seus acionistas, distribuindo, portanto,

uma parte do lucro auferido em um período. Eles são tratados pela contabilidade da empresa como uma despesa financeira, de forma semelhante ao pagamento de juros de dívida.

Como o valor é deduzido do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ) e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), na prática, a empresa paga menos imposto corporativo. O aumento de 2,5 pontos percentuais na alíquota de IR, se aprovado, representará uma elevação de 16,7% na tributação to-

Mercado de capitais



Advogados e economistas discordam sobre o impacto das mudanças

FIRME/PIXABAY

tal do investimento, segundo um cálculo feito pelo advogado Morvan Meirelles Costa Junior, sócio do escritório Meirelles Costa Advogados. "Na prática, o JCP se transformou em instrumento de planejamento tributário das empresas, que distribuem lucro sob a forma de JCPs, tendo em vista que antigamente era isento. E hoje há uma tributação menor do que a distribuição clássica do lucro da empresa", diz o economista Róridan Duarte, Membro da Comissão de Política Econômica do Cofecon (Conselho Federal de Economia).

O tributo sobre os JCPs existe neste molde desde 1995 e outras tentativas de elevação já ocorreram. O tributarista Marcos Brito, do Gaia Silva Gaede Advogados, destaca dois projetos, a Medida Provisória (MP) 694/2015, que previa alíquota de 18%, e a MP 1303/2025, que neste ano tentou elevar a alíquota para 20%. Advogados tributaristas consultados pela IstoÉ Dinheiro afirmam que tributação maior dos JCPs poderá diminuir a atratividade das ações de empresas que fazem este tipo de pagamento.

"Bancos e empresas intensivas em capital sentirão mais; setores com menor tradição de uso do JCP quase não serão afetados", afirma Luísa Macário, sócia do escritório Macário Menezes Advogados. Outros setores destacados são energia e telecomunicações, que sentirão mais. "O investidor terá de observar como cada empresa ajustará sua política de remuneração", aconselha Luísa. A advogada tributarista acredita que as companhias que historicamente usavam JCP para dar previsibilidade e eficiência aos pagamentos podem reduzir volumes ou migrar para dividendos puros. Brito, do Gaia Silva Gaede, acrescenta que o investidor deverá seguir analisando fatores além dos proventos que justificam alocar recursos em uma empresa.

Os advogados ouvidos pela reportagem criticaram a ideia de que o projeto ampliará a justiça tributária. Na visão de Luísa Macário, por exemplo, "o projeto aprovado tem efeito mais arrecadatório do que de reequilíbrio sistêmico". O argumento central é o de alinhamento horizontal, ou seja, equiparar a tributa-

ção de JCP com a de outras formas de remuneração do capital", diz o advogado Morvan Meirelles Costa Junior. Mas, continua, a criação do instrumento sempre se justificou pelo incentivo ao reinvestimento de capital. "Ou seja, é ferramenta de fomento ao investimento, especialmente produtivo", disse.

Há que, contudo, enxergue o JCP como "jabuticaba" brasileira, criada em um momento de dificuldades de financiamento das empresas via mercado financeiro. A ferramenta servia para incentivar investidores, lembra o economista Róridan Duarte. "Na minha avaliação [a mudança agora] é uma medida positiva e bem fundamentada dentro desse esforço de modernização e racionalização do nosso sistema tributário", opina. Para ele, o mecanismo hoje não se traduz mais em aumento do investimento produtivo, ou seja, não cumpre mais o papel original. "Ao ajustar essa tributação, o governo então reduz as assimetrias entre as empresas". O economista diz que os JCPs são utilizados apenas por médias e grandes empresas. **D**



Efeito Flávio

Escolha do ex-presidente Jair Bolsonaro para sucessor eleva percepção de risco e gera chacoalhão em mercados financeiros

O mercado financeiro no Brasil deixou clara sua opinião sobre a escolha do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, preso e inelegível, como representante do bolsonarismo na corrida pela presidência da república em 2026. O anúncio foi feito na semana passada

e, desde então, há episódios de turbulência: o dólar disparou e a bolsa brasileira afundou, interrompendo uma sequência de recordes. O Ibovespa, principal indicador da bolsa brasileira, a B3, perdeu o patamar dos 160 mil pontos após ter ultrapassado pela primeira vez os 165 mil pontos em 5 de dezembro,

e abaixo da marca ficou. Houve tombo de quase 5%. Flávio disse nesta terça, 9, que tem convicção de que irá vencer o presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições do ano que vem. A bolsa brasileira seguia em baixa. O azedume dos mercados no Brasil é uma resposta clara de que a escolha por Flávio pode inviabilizar a candidatura do favorito da Faria Lima, o coração financeiro paulista, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). “O mercado vê Flávio como um candidato mais fraco que Tarcísio na disputa com Lula. Além disso, o possível governo Flávio não agrada tanto, porque a pauta parece errática”, disse Laís Costa, analista da Empiricus Research.

Como a escolha divide a oposição, foi mal vista e a leitura é a de que o



Tombo do Ibovespa, principal índice da B3, foi de quase 5% no dia do anúncio da pré-candidatura

DIVULGAÇÃO

processo eleitoral pode ficar ainda mais polarizado, menos clareza sobre a trajetória fiscal e o compromisso com reformas. O mercado especifica taxa de juros e o quanto isso afeta os ativos de risco, pontua Rubens Cittadin Neto, especialista em renda variável da Manchester Investimentos. Fábio Murad, CEO da SpaceMoney, destaca que a notícia acendeu um alerta vermelho no mercado, que esperava alguma moderação no discurso da direita para facilitar alianças para as eleições.

O episódio mostra como a política local segue como um dos principais votores da volatilidade aqui nos ativos brasileiros. "O movimento reflete um aumento imediato de risco Brasil, sobretudo porque a eleição ainda está distante, e o país ainda enfrenta desafios fiscais e econômicos muito significativos", disse ainda Murad. Se cria entre os investidores uma percepção de que o país pode mergulhar novamente uma polarização sem diálogo, que os afasta e paralelamente pressiona o câmbio (pois as pessoas vão preferir comprar dólar, por exemplo) e derruba o preço dos ativos locais.

Para Erich Decat, head do time de análise política da corretora Warren

Investimentos, a eventual candidatura de Flávio Bolsonaro ainda precisa decantar antes de ser tratada como um movimento concreto e deve ser vista como uma "demonstração de sobrevivência política" do clã Bolsonaro. "Trata-se de um recado direto ao centrão, que vinha ocupando o vácuo deixado pelo enfraquecimento do ex-presidente e avançando na articulação de uma candidatura própria de centro-direita, com Tarcísio de Freitas despontando como principal nome", avaliou. Na avaliação do analista, o movimento agora é menos sobre lançar Flávio agora e mais sobre marcar território, preservar relevância e evitar que outros atores consolidem hegemonia antes da hora.

O chacoalhão moveu ponteiros não só da renda variável e moedas, mas também da renda fixa com altas nas taxas de juros futuras – mesmo com o horizonte de queda de juros básicos para 2026. É uma leitura que evidencia apostas maiores no risco fiscal do que no risco da política monetária do Banco Central. As expectativas são de início de ciclo de cortes da Selic, atualmente em 15% ao ano, a partir do terceiro trimestre do ano que vem. **D**

Candidatura retrata o racha na direita

O modo como se deu o apoio do bolsonarismo à pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à presidência da república, anunciada na quinta, 5 de dezembro, reforça uma leitura do mundo político de que o campo de oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva irá às urnas fragmentado em 2026. Mais de 72 horas depois do lançamento do nome de Flávio, o governador paulista Tarcísio de Freitas (Republicanos), declarou apoio, mas acrescentou que outras lideranças "já colocaram seus nomes à disposição", em um sinal de que não haverá desistências com a entrada do filho mais velho de Jair Bolsonaro na corrida. Preferido do centrão para enfrentar Lula, Tarcísio se declara candidato à reeleição. O campo dos possíveis herdeiros políticos do ex-presidente tem ainda os governadores de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), e de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo). Eles mantiveram pública a intenção de concorrer ao Palácio do Planalto mesmo após o anúncio de Flávio.

Rombo histórico

O déficit bilionário dos Correios impacta seriamente os números das estatais do governo central, que em novembro evidenciam o pior retrato em cinco gestões presidenciais

Alexandre Inacio

Em crise, os Correios precisam de R\$ 20 bi em empréstimo para reestruturação



A saúde financeira das empresas estatais brasileiras acende um sinal de alerta relacionado à estabilidade fiscal do país. A mais recente divulgação de dados pelo Banco Central (BC) evidencia perdas históricas nas companhias mensuradas pela autoridade monetária – Correios, atualmente em uma grave crise, Emgepron, Hemobrás, Casa da Moeda, Infraero, Serpro, Dataprev e Emgea. Petrobras, Eletrobras e os bancos – Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil – não entram na conta, já que são companhias de economia mista.

Ao final de novembro, o BC informou que as estatais brasileiras que são mensuradas registraram, juntas, um déficit de R\$ 6,35 bilhões no acumulado entre janeiro e outubro deste ano. O valor significa que, na prática, as empresas estatais administradas pelo governo federal tiveram despesas muito maiores do que suas receitas ao longo de 2025. O déficit somado até outubro representa, ademais, um crescimento de 42,7% em comparação ao mesmo período de 2024. Nos dez primeiros meses do ano passado, as empresas estatais também gastaram mais do que arrecadaram, porém, o valor registrado naquele período foi de R\$ 4,45 bilhões.

Os dados revelam que é o retrato de gestão pública evidenciado no governo Lula 3 é o pior se comparado a cinco gestões anteriores. Desde o início do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023, até outubro deste ano, o déficit das empresas públicas soma R\$ 13,7 bilhões. O valor supera a soma dos déficits gerados nas gestões Lula 1, Lula 2, Dilma 1 e Dilma 2 que, somados, chegam R\$ 10,2 bilhões. O desempenho negativo de quase três anos da atual gestão de Lula supera em 34% os poucos mais de 13 anos em que o PT ficou no poder.

Neste ano, o ponto central das estatais federais é a crise dos Correios. A combinação de má gestão, concorrência avassaladora e a ausência de um modelo de financiamento para a função social criou uma tempestade perfeita que culminou em um rombo que, inclusive, ameaça a estabilidade fiscal do país. A companhia entrou na maior crise de sua história ao acumular um prejuízo de R\$ 4,37 bilhões só no primeiro semestre de 2025 – e totaliza uma perda anual supe-

REPRODUÇÃO FLICKR / CORREIOS



*Felipe Salto,
da Warren:
outra opção ao
emprestímo e
uma capitalização*

DIVULGAÇÃO

rior a R\$ 6,1 bilhões. Diante da sangria de caixa e trimestres consecutivos de resultados negativos, o conselho de administração da estatal aprovou a contratação de um empréstimo de R\$ 20 bilhões para tentar salvar a empresa. A ideia é colocar em ação um plano de reestruturação, já desenhado.

A operação, contudo, exige o aval do Tesouro Nacional – que na semana passada negou uma tentativa que considerava tomar empréstimo junto a um consórcio de bancos privados. O Tesouro justificou que o valor cobrado como juros estava acima do permitido, de 120% do CDI. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse nesta semana que o Tesouro segue debruçado sobre o tema e que uma espécie de socorro aos Correios “não é uma coisa decidida” ainda.

O empréstimo é visto como uma “morfina fiscal” que adia o colapso, e imporia um custo financeiro adicional de cerca de R\$ 2 bilhões por ano em juros para o caixa do governo federal. Para tentar o equilíbrio financeiro até 2027, o plano de reestruturação da companhia prevê o fechamento de agências, a venda de ativos imobiliários ociosos e a implementação de um Plano de Demissão Voluntária (PDV), medidas que apontam

para uma drástica redução de custos.

Comum nesse tipo de cenário, a pergunta no ar é a alternativa de privatização. Para parte do mercado, é a melhor saída. A estatal hoje tem competidores que criaram redes próprias de logística de entregas, a exemplo do Mercado Livre e Amazon, e precisa de modernização para a queda de braço com gigan-

tes privadas. E o único serviço onde há monopólio garantido por lei à estatal é a entrega de cartas – um serviço quase irrelevante atualmente e que corresponde a 14% da receita. Contudo, o governo federal já disse que não enxerga a venda da empresa para o setor privado uma possibilidade – ao menos neste momento.

“Outra opção para apagar o incêndio seria uma capitalização, fator que também afetaria o resultado primário. Esse seria o caminho fiscalmente responsável e transparente para lidar com o problema, desde que sem mudança de regra fiscal. Seja empréstimo ou capitalização, é imprescindível que a ajuda seja acompanhada do ajustamento da situação financeira da estatal”, disse Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos. Do ponto de vista fiscal, segue Salto, ou a empresa se transforma em uma estatal dependente do Tesouro, hoje não é (e então seu ônus passará a constar dos orçamentos), ou apenas se empurrará para frente o problema, o qual tende a crescer sem um plano de reestruturação. A saída definitiva é vender o que ainda possa ter valor de mercado relevante e manter, se assim for a decisão política, os serviços considerados essenciais, com o mínimo de oneração ao Estado.

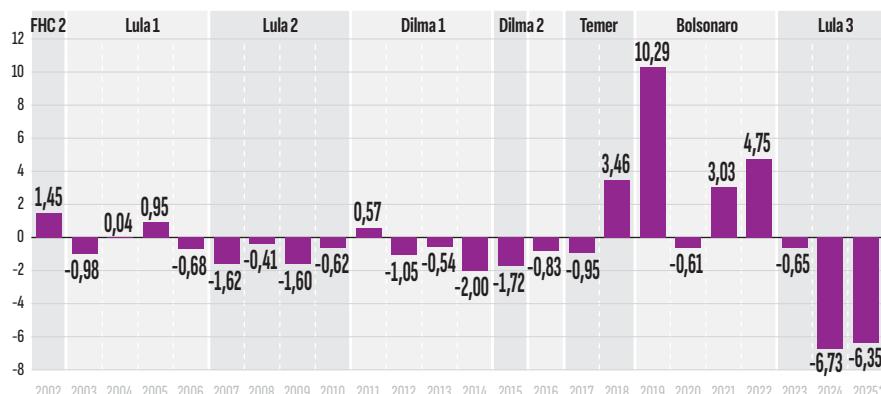
Para o consultor e professor da Fipecafi, Diogo Carneiro, privatizar os Correios no momento atual significaria vender um ativo de grande poten-



Déficit das estatais no governo Lula 3 é o maior em quase 25 anos, evidenciam dados do BC

Déficit das empresas públicas federais

(em R\$ bilhões)



Fonte: Banco Central

*Até outubro

cial por um valor deteriorado. Em sua avaliação, a situação agora é focar em uma reestruturação. "Os Correios seriam uma espécie de Kodak, que insiste em ficar vendendo máquina com filme para tirar foto, enquanto o mercado já está todo digital", pontua Carneiro. "É debater o modelo de negócios. Isso vai passar por ter mais eficiência, mais flexibilidade, um modelo mais enxuto, enxergar onde ela pode produzir valor de maneira mais efetiva e explorar melhor essa questão", continua. A crise dos Correios não é meramente conjuntural.

É o resultado de um profundo desajuste entre sua estrutura e a nova realidade de mercado. O monopólio de cartas, que garantia receitas exclusivas, foi esmagado pela digitalização. Simultaneamente, a estatal perdeu competitividade no segmento mais lucrativo, o de encomendas, para gigantes do e-commerce como as já citadas Mercado Livre, Amazon e Loggi, que investiram em logística e tecnologia. Somam-se a isso, fatores internos como má gestão, os cortes em investimentos, frota sucateada e um passivo trabalhista que já beira os R\$

Déficit das estatais alcança R\$ 6,3 bilhões até outubro, informa o BC

O problema continua em 2026

O caso dos Correios reflete uma crise mais ampla: o conjunto das estatais federais não-dependentes. São, vale reiterar, as empresas pertencentes ao governo central e que geram receita própria. O acordo firmado pelo governo com o Congresso Nacional para elevar a meta de déficit dessas empresas para R\$ 10 bilhões em 2026, previsto na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) aprovada pelo Legislativo, é o reconhecimento de que o rombo consolidado é o maior registrado em um quarto de século.

Essa flexibilização fiscal, embora politicamente necessária para dar previsibilidade orçamentária, sinaliza uma profunda dificuldade do Estado brasileiro em sanear suas empresas. A necessidade de acomodar um déficit de R\$ 10 bilhões de reais coloca um fardo considerável no esforço de consolidação fiscal e reitera que, sem uma reforma estrutural robusta que defina o que deve ser privatizado, reestruturado ou subsidiado de forma transparente, o custo das estatais continuará a minar o Tesouro e, em última instância, a economia brasileira.

700 milhões. O dilema é agravado pela função social e pública dos Correios, que tem a obrigação constitucional de levar o serviço postal a todo o território nacional, incluindo localidades remotas não lucrativas. Estima-se que o custo da manutenção deste serviço seja de R\$ 6 bilhões, sendo que a estatal arca sozinha com aproximadamente R\$ 4,3 bilhões. Especialistas defendem que o papel social deve ser preservado, mas via subsídio direcionado e explícito do Tesouro Nacional, e não através da ineficiência operacional. **D**



RAFANEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL



Um 'super point'

Magazine Luiza abre as portas da primeira loja física desde 2021 no ponto da antiga Livraria Cultura na capital paulista. A rede reúne marcas do grupo e aposta em mais uma via para a rentabilidade: publicidade offline

Matheus Almeida

Antiga loja da Livraria Cultura, no edifício Conjunto Nacional, na Avenida Paulista em São Paulo, deu lugar oficialmente nesta semana à mega loja do grupo Magazine Luiza – a primeira inauguração de uma unidade física da companhia desde 2021. A unidade de quatro mil metros quadrados antes um ponto de referência por abrigar a Livraria Cultura, reunirá, também pela primeira vez, lojas físicas de todas as grandes varejistas do grupo: Estante Virtual, KaBuM!, Netshoes, Época Cosméticos e a própria Magazine Luiza. A

super loja vai comercializar desde eletrônicos, brinquedos e games a tênis e livros.

A meta, disse Frederico Trajano, CEO da empresa, é que a galeria Magalu se torne a líder de vendas entre as mais de 1,3 mil unidades da rede em seis meses, e consiga pagar o investimento feito em até um ano e meio apenas com venda de publicidade. O valor investido não foi informado. A IstoÉ Dinheiro antecipou o plano em outubro. Na prática, por exemplo, um espaço na loja KaBuM! em parceria com a Sony

reúne peças para quem quer montar o próprio PlayStation, e há estantes repletas com produtos licenciados Disney no pavilhão central.

“Nós temos aqui nesse espaço mais de 150 marcas. Cada espaço da galeria foi pensado para marcas. Elas estão buscando isso, já que no digital a competição é super intensa. É difícil fazer um bom storytelling de uma marca só no digital”, explica Trajano. Ou seja, offline redescoberto, a Magazine Luiza faz forte aposta nas lojas físicas como impulsionadoras de vendas. Locais em



Mix diverso: a loja vai comercializar eletroeletrônicos, tênis e até livros

FOTOS: MATEUS ALMIDA/USP/ESTADÃO

que chegam lojas físicas apresentam um crescimento nas vendas do digital, conforme a experiência da varejista. O ganho de receita via outras fontes, como publicidade, é um foco para melhorar a rentabilidade do negócio de modo a contribuir com a tradicional margem apertada que se vê no varejo.

Vale lembrar que o Magazine Luiza conta com um braço de publicidade online, o Magalu Ads, que não tem seus números divulgados. A personagem Lu, criada para representar a marca, também se tornou uma influenciadora que já fez propagandas para empresas como Uber, WhatsApp e Burger King. A super galeria, no entanto, abrirá portas novas de receita com anúncios no mundo offline.

Questionado sobre como pretende atrair público para sua nova loja, onde tradicionalmente já existe muita ativação

de marketing, Trajano aposta na própria tradição do espaço. "A gente trouxe de volta à vida esse espaço que sempre foi tão importante para a Paulista", comenta. Quem sugeriu que o Magazine Luiza assumisse o espaço foi justamente Sérgio Herz, CEO da Livraria Cultura e filho dos fundadores da empresa. "No começo do ano passado tivemos a primeira conversa com o Herz, e ele falou que estava saindo do ponto. E emendou: eu queria muito que vocês assumissem", relatou o CEO do Magazine Luiza.

Em troca, os Trajano buscaram honrar o legado da família Herz. Isso foi feito através de iniciativas como a manutenção das estantes da antiga livraria, inclusive com marcas do antigo logo. O antigo Teatro Eva Herz trocou de nome por um contrato de patrocínio, mas ainda assim foi chamado "Teatro YouTube - Sala Eva Herz". Já uma parceria com a

Pinacoteca buscará manter exposições de arte no local. O projeto da galeria Magalu incluiu ainda a venda de livros através da primeira loja física da Estante Virtual. Na véspera da inauguração, Sérgio Herz e Luiza Trajano, mãe de Frederico e presidente do Conselho do Magazine Luiza, enviaram um e-mail para os clientes da antiga livraria no espaço. "A antiga loja fechou, mas seu espírito não", escreveram os empresários.

Paralelamente às homenagens, o espaço ganhou definitivamente uma cara nova. Muitos painéis de led, além de fileiras de eletrodomésticos e eletrônicos exibidos no mostruário. Com a necessidade de grandes estantes, reduziu-se bastante o espaço para a leitura de livros que havia no espaço, um dos ícones da antiga Livraria Cultura. Em meio à transformação, a Magalu está apostando em ferramentas para atrair os aficionados por cultura digital. O próprio teatro, através da parceria com o YouTube, é propagado como um espaço que receberá, para além das peças, eventos com a presença de influenciadores digitais. Há ainda inúmeros espaços para tirar fotos para as redes sociais, além de video games.

Em uma outra via de negócios da galeria Magalu, no espaço da Época Cosméticos, primeira loja física da empresa, foram instalados scanners faciais capazes de recomendar produtos a partir do rosto das pessoas. E na primeira loja da Estante Virtual, um totem eletrônico ajuda na escolha de livros. ■



Antigo teatro Eva Herz foi repaginado e mantido



FOTOS: REPRODUÇÃO LINKEDIN

Cerveja ou drink?

Ambev e Heineken dão mais um passo rumo à disputa pelo paladar do brasileiro, e ampliam suas fichas em novas versões de cervejas frutadas

Bruno Pavan

As duas principais cervejarias do país deram mais um passo na disputa pelo consumidor brasileiro neste final de ano. A Ambev, divisão brasileira da belgo-americana AB Inbev, e a holandesa Heineken estão ampliando a aposta em cervejas com perfil diversificado e lançaram, nessa ordem, a Flying Fishing e a Lager Spritz. O foco é alcançar público num mercado ainda pouco explorado.

A Flying Fish, aposta da Ambev, é uma marca sul-africana que mistura cerveja com suco de limão. Em setembro, a cervejaria lançou a bebida em Curitiba, no Paraná, e no começo de deste mês está disponível em São Paulo, com venda na rede Oxxo. Não é a

primeira tentativa da marca neste segmento. Em 2006, a Ambev lançou a Skol Lemon, que durou pouco mais de um ano no país. A companhia informa que a marca pelo mesmo processo produtivo das demais cervejas da Ambev, e recebe limão ao final. Isso torna o sabor mais leve e reduz o amargor.

A alternativa chega para ampliar o portfólio num universo de consumidores que buscam novas experiências de sabor. As cervejas com frutas já integram o portfólio da Ambev por meio da Colorado. Mas há uma diferença em sabor, segundo a companhia, já que a bebida não resulta de um suco, e sim da casca das frutas ou do próprio lúpulo. A companhia também não a considera no

grupo ready to drink, junto com a Skol Beats, por essa ser feita com bebida deslida e não com cerveja.

Já a aposta da Heineken na Lager Spritz é mais ousada porque ela será usada como ingrediente de drinks. Além de ser uma cerveja com infusão de ervas, terá de ser servida de forma diferente, em uma taça, com gelo e laranja. Por conta disso, a bebida, por enquanto, não estará disponível nos supermercados, somente em bares selecionados em São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis. São 6% de teor alcoólico. "Mais do que lançar um novo rótulo, buscamos reforçar o compromisso em oferecer ao consumidor uma experiência que vai além do paladar. Queremos propor no-



Mais recente aposta da Ambev é na marca Flying Fish, que mistura cerveja com suco de limão

Quem é quem das cervejarias

Dois grupos de cervejas crescem com mais destaque em anos recentes. Uma das tendências é a busca do consumidor por produtos de maior qualidade, agrupados sob a denominação premium. A outra é o apelo da vida saudável e da boa forma que alavancou o segmento das controversas cervejas sem álcool. À parte das peculiaridades mercadológicas, o momento é de desafio a médio e longo prazos para as gigantes. A Ambev ainda lidera o mercado brasileiro, com 63% em volume, e um forte trunfo da capilaridade logística e portfólio de produtos diversificado, seguida pela holandesa Heineken, que detém 21,3%. Em terceiro lugar, mas distante dos líderes, com 11% do volume no país, está o grupo brasileiro Petrópolis, dono de Itaipava e Crystal.

Enorme, com 15 bilhões de litros anuais e geração de receita de R\$ 340 bilhões de reais na ponta do varejo – restaurantes, bares, supermercados –, o mercado de cervejas está totalmente consolidado e tem crescido pouco, com apenas 1% de expansão em volume no ano passado. Os dados são da Euromonitor Internacional.

Apesar da distância aparentemente confortável da brasileira, os holandeses da Heineken mostram uma forte disposição para a briga pelo consumidor – eles acabam de inaugurar uma de suas maiores fábricas do mundo em Minas Gerais. A unidade, localizada no sul do estado, tem seu foco justamente na estratégia de ampliar a distribuição e a fabricação de marcas de maior valor agregado. Em meio aos tipos de produtos, vale lembrar que, no Brasil, o segmento premium segue como uma prioridade absoluta para as líderes do setor. No ano passado, cresceu 4% em volume, e segue em expansão porque o consumidor brasileiro está mais exigente.

vas possibilidades", disse Elbert Beekman, gerente de marketing da Heineken no Brasil.

As apostas são explicadas pela diversidade das preferências do consumidor, que despontou em anos recentes. E neste momento do ano, às vésperas do verão e das festas natalinas, com seus picos de vendas, é justamente quando as empresas se valem ao máximo de seus produtos já testados em menor escala ao

longo do ano, do redesenho em distribuição e do lançamento de campanhas sazonais (ou embalagens especiais).

As mudanças no hábito do consumidor são impulsionadas por uma série de fatores. Um deles é a própria vontade de encontrar prazer de sabor em outras opções de bebidas, como as com frutas e uma 'pegada' de drink, funcionais, versões sem glúten e as sem álcool ou com baixo teor alcoólico. □

*Aposta ousada:
Lager Spritz pode
ser misturada como
um ingrediente
de drinks*



Lei europeia aperta o cerco a produtos provenientes de regiões que desmatam



Mais tempo para o ajuste

União Europeia adia a aplicação de regras relacionadas à Lei Antidesmatamento.

Pacote de regras levará exportadores à adequação para negociar com o bloco

O parlamento europeu aprovou neste final de ano o adiamento da aplicação da Lei Antidesmatamento da União Europeia. Com isso, o continente posterga o início da vigência das normas em um ano, entregando mais prazo para as empresas que negociam com os compradores locais se ajustem às exigências, que elevarão os custos dos exportadores. Conforme um comunicado oficial divulgado pelo bloco europeu, as empresas de grande porte deverão cumprir as exigências a partir de 30 de dezembro de 2026, enquanto

micro e pequenas companhias terão até 30 de junho de 2027 para se adequarem às novas regras.

O prazo extra é importante para que empresas e governo brasileiro aprimorem um fator primordial que é o cerne das exigências, a rastreabilidade dos produtos (os exportadores terão de investir em geolocalização, com o uso de imagens de satélite exigidos para comprovar o que a lei europeia exigirá) e auditorias. Isso vai exigir sobretudo de empresas de menor porte. Com a lei, e aumento de exigências relacionadas a

produtos fornecidos ao continente, a autoridade do bloco quer combater o desmatamento.

Além do novo cronograma, os deputados europeus votaram por medidas que visam a simplificação no processo de due diligence (auditorias). O texto estabelece, contudo, que a responsabilidade pela apresentação da declarações que sejam necessárias recairá sobre as empresas exportadoras que introduzirem o produto no mercado do bloco pela primeira vez, retirando, assim, a carga burocrática de operadores que comer-



Lei europeia afeta commodities, como carnes, grãos, madeiras e café

Os setores em foco

A lista de commodities abrangidas pela lei europeia inclui soja, café, madeira, carne bovina, cacau, borracha e seus derivados. A legislação exige, ainda, rastreabilidade por meio de geolocalização e imagens de satélite para comprovar que os itens respeitam as leis ambientais do país de origem. A principal consequência econômica é o aumento dos custos de exportação. Há ainda algum temor de insegurança jurídica entre companhias para acertar o que exige o bloco europeu.

Há elevação de custos já que, para responder às regras, os empresários exportadores precisarão implementar sistemas de rastreabilidade via geolocalização, investir em auditorias para apresentar declarações e adequar softwares em seus sistemas para fornecer informações. Os custos acabam sendo repassados para a cadeia. Caso a legislação não seja aplicada com mecanismos de simplificação suficientes e o Brasil não consiga comprovar a conformidade de parte dos produtos embarcados para o mercado europeu, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) já calculou estimativa de potencial negativo de R\$ 15 bilhões anuais às exportações.

O valor, contudo, é baixo se considerado o volume exportado ao continente: entre janeiro e novembro, totaliza US\$ 45 bilhões, segundo dados do governo federal. Alguns críticos enxergam a nova lei como uma espécie de barreira não-tarifária, que gera um custo mais alto de entrada dos produtos no mercado europeu. Mas, por outro lado, há a leitura de que a legislação, por fim, valoriza aqueles que se adequaram às regras, comprovam origem dos produtos e não desmatam, de modo que, ao conseguirem entrar num mercado mais exigente, acabam recebendo um “prêmio de preço”.

cializam o item posteriormente. Outra mudança é que micro e pequenos produtores primários passarão a fornecer apenas uma declaração pontual e simplificada.

Quando votada, ao final de novembro, a proposta recebeu um total de 402 votos a favor, 250 votos contra e 8 abstenções. O parlamento europeu iniciará agora as negociações com os Estados-membros para definir a redação final da legislação. Para que o adiamento entre legalmente em vigor, o texto precisa ser aprovado pelo conselho do bloco e publicado no Jornal Oficial da União Europeia (UE) antes do fim de 2025. O

documento aprovado solicita, ainda, uma revisão das medidas de simplificação até 30 de abril de 2026. O objetivo principal dessa revisão é avaliar os encargos administrativos gerados pela lei, com um foco específico nas consequências para micro e pequenos operadores.

O período adicional de vigência é, também, para permitir a atualização dos sistemas informáticos de rastreabilidade utilizados para as declarações eletrônicas. Vale ressaltar que o regulamento, originalmente aprovado em abril de 2023, veta a entrada na União Europeia de produtos originários de áreas que foram desmatadas. □



Wopke Hoekstra, comissário europeu para a ação climática, esteve na COP30, em Belém do Pará

VINICIUS MENDONÇA/BAMA



Estoques mundiais baixos após quatro anos de quebras de safras nos principais produtores afetam preços

Por que o café está caro?

Escalada de preços do grão em 2025 leva a pergunta ao topo de dúvidas do Google. Valores começam a ceder, mas ainda muito lentamente

Ismael Jales

Os preços do café acumularam alta superior a 80% somente no primeiro semestre de 2025 em relação a um ano antes. Em novembro, o preço do café ainda acumula alta de mais de 48% em comparação ao mesmo mês um ano atrás. Com o retrato, a pergunta “Por que o café está caro?” liderou as buscas no Google até agora. Em maio houve um pico: o café apresentou um aumento de 83,2% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Com o decorrer do ano, a pressão sobre os preços diminuiu

e o volume de perguntas relacionadas ao produto no Google também, mas ainda insuficiente para compensar a forte alta desde o ano passado.

Dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgados no início de novembro, apontam que, nos últimos quatro meses, o café recuou 3,52%. O economista Fabio Murad, CEO da Spacemoney Investimentos, explica que a escalada do preço do café recentemente não foi um movimento isolado do agronegócio, mas o resultado de uma

Os “Por ques” do Google no ano

1. Por que o café está caro?
2. Por que Israel atacou irã?
3. Por que Bolsonaro foi condenado?
4. Por que MC Poze foi preso?
5. Por que Oruam foi preso?
6. Por que Papa Leão?
7. Por que o Barcelona não está no Mundial de Clubes?
8. Por que Tati Machado perdeu o bebê?
9. Por que Tony Ramos vai sair da novela Dona de Mim?
10. Por que Neymar não joga hoje?

Melhor café do ano é da fazenda de Virgolino Muniz, de MG



combinação rara de fatores que pressionaram toda a cadeia global. "Os estoques globais operam em um dos níveis mais baixos da década, reflexo de quatro anos seguidos de quebras de safra entre os principais produtores", disse. Esse conjunto cria um ambiente em que qualquer choque adicional, seja climático ou comercial, amplifica a volatilidade dos preços e reforça a percepção de escassez estrutural. "Mesmo com quedas pontuais ao longo do ano, a trajetória dominante ainda é de alta, sustentada por fundamentos sólidos", continua.

Para o ano que vem, há perspectiva de algum alívio se as condições climáticas normalizarem e a produção brasileira reagir, mas ainda não há espaço para uma queda consistente de preços. A probabilidade ainda é de mercado operando com preços firmes, embora menos explosivos, e maior sensibilidade ao câmbio e ao ritmo de consumo nos Estados Unidos e na Europa. "Para investidores, continua sendo um mercado de fundamentos fortes, que demanda diversificação e leitura de ciclos, não movimentos táticos de curto prazo", conclui o economista.

0 melhor café de 2025

O café especial campeão colhido na safra deste ano está na área de atuação da Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), na cidade de Cabo Verde, no sul de Minas Gerais. O produtor Virgolino Adriano Muniz, cooperado da Cooxupé, conquistou o primeiro lugar do concurso Especialíssimo 2025. O lote do produtor alcançou 90,92 pontos na avaliação técnica do programa, que é realizado pela cooperativa cafeeira e pela SMC Specialty Coffees. Neste ano, foram distribuídos R\$ 330 mil em premiações, sendo R\$ 50 mil destinados exclusivamente ao lote campeão. Proprietário da Fazenda das Almas, Adriano Muniz disse que é a primeira vez no topo do pódio, depois de já ter conquistado duas premiações como vice-campeão nos anos de 2022 e 2023, além de ter ficado em quarto lugar em 2024. Ele tem investido em tecnologia para melhorar sua produção. "Muita coisa tem que dar certo, entre elas, o lugar, o terroir favorável, qualidade, além de outros fatores como preparo da safra".

As explosões de preços na cadeia de café não são incomuns nesta década. Em julho de 2021, uma das geadas mais fortes da história recente da cafeicultura afetou gravemente as lavouras do Sudeste e Sul (há produção de café no Paraná), o que levou à alta consistente do grão naquele ano. Foi quando o preço do café saltou nas gôndolas de supermercados brasileiros, a patamares que não voltaram atrás. Com a menor produção no Brasil, o principal fornecedor global de grãos de café, e o aumento do consumo da bebida devido à pandemia de covid-19, naquele ano, houve um recorde histórico de preços. As geadas devastaram áreas produtoras brasileiras com perda imediata de produção e impacto futuro, já que o frio queimou pés de café, uma planta perene. Muitos agricultores tiveram de replantar as árvores do grão e esperar alguns anos para rever a produção em parte de suas propriedades cafeicultoras. Um outro fator que contribuiu para as altas superiores a 100% de preços naquele ano foram os problemas logísticos, que encareceram o transporte do café ao consumidor final. **D**



A marca está em 20 países e busca "público sofisticado e apaixonado" por café

Um retrato do cultivo entre os líderes

Produtores brasileiros e colombianos são concorrentes globais na área de café. É uma disputa complexa, já que não se limita a volume. Os dois países são experts na produção do grão arábica, e há diferenças importantes de cultivo, blends (mistura de tipos de grãos) e posicionamento de marcas. Em solo brasileiro, o arábica é o tipo de café cultivado principalmente em Minas Gerais e São Paulo. O Brasil ainda é o maior fornecedor de grãos do mundo, mas a Colômbia é constantemente premiada internacionalmente. Os produtores colombianos tiveram agora a sua melhor safra anual em 33 anos. Entre outubro de 2024 e setembro deste ano, período contemplado na medição internacional, a Colômbia produziu 14,8 milhões de sacas de 60 quilos. É um recorde em 33 anos e representa uma produção 17% maior em relação ao ano anterior, afirmou a Federação Nacional de Cafeicultores (FNC) do país. O aumento da produção se deve a mudanças no método de colheita, melhores fertilizantes e variedades de plantas mais resistentes às mudanças climáticas.

Os brasileiros deverão colher 35 milhões de sacas do arábica na safra atual (25 milhões delas pelos cafeicultores mineiros), uma diminuição de quase 10%, informou a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) na semana passada. É ano de bienalidade negativa para o café, ou seja, quando a planta não apresenta todo o seu vigor produtivo. Além disso, períodos de escassez hídrica ao longo da safra também reduziram o potencial produtivo das lavouras. O Brasil produz um outro tipo de grão, o conilon, que deverá render um volume próximo a 20 milhões de sacas nesta temporada. Esse tipo de café é misturado ao arábica pelas indústrias torrefadoras que comercializam as marcas disponíveis nos supermercados. Um dos grandes produtores globais da variedade conilon, que tem um sabor mais amargo do que o arábica, é o Vietnã – outro concorrente do Brasil no mercado externo. A produção desse café ocorre no Espírito Santo.

Xicrinha colombiana

Principal marca de café do país vizinho, Juan Valdez, abre a primeira loja brasileira em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. O país é um dos grandes concorrentes do Brasil no mercado externo

A Juan Valdez, principal marca de café colombiano, inaugurou na quinta-feira, 4, sua primeira loja no Brasil, no Ribeirão Shopping, em Ribeirão Preto (SP). Localizada a 325 quilômetros da capital paulista, a escolha de Ribeirão Preto para a estreia da marca é estratégica. É que a cidade apresenta um "ecossistema empreendedor relevante e um público sofisticado, apaixonado e conectado à cultura do café", disse a marca.

A primeira loja física por aqui foi projetada para refletir a essência da marca, proporcionando um ambiente acolhedor, sofisticado e imersivo. A companhia vai apostar nas vendas do portfólio completo de cafés especiais 100% colombianos, blends exclusivos desenvolvidos por especialistas em café da Juan Valdez, além de métodos de

preparo que exaltam as nuances de cada grão. O público brasileiro também terá acesso a linhas especiais da marca, como a Mulheres Cafeicultoras, além de microlotes especiais, como o Bourbon Rosa, e edições de luxo, como o Geisha. Além dos cafés, o cardápio contará com de doces e snacks.

Hoje a companhia tem perto de 650 lojas em vinte países (com presença em mais de 15 mil pontos de venda no varejo em 34 mercados). A meta é alcançar mais de cem lojas no Brasil até 2028. "A inauguração da nossa primeira loja Juan Valdez no Brasil é um momento extremamente emocionante para todos nós, pois representa o reconhecimento da experiência colombiana numa das regiões cafeeiras mais exigentes e apaixonadas do mundo", comentou Camila Escobar, CEO da Juan Valdez. **D**

A China evitou importar soja dos Estados Unidos por meses ao longo deste ano



Recorde de consumo

Maior comprador de soja do mundo, China alcança o nível mais alto de importações em quatro anos

O volume importado de soja pela China atingiu, em novembro, o nível mais alto desde 2021, resultado de compras da América do Sul e devido à trégua comercial com os Estados Unidos, negociada pelos presidentes Donald Trump e Xi Jinping neste final de ano – encontro que ocorreu na Coreia do Sul. Maior importador da oleaginosa do mundo, a China comprou 8,11 milhões de toneladas em novembro – um aumento de 13,4% em comparação às 7,15 milhões de toneladas adquiridas um ano antes. Os cálculos relacionados ao recorde de importações foram feitos pela agência Reuters.

No acumulado de 2025, os asiáticos também compraram mais. Entre janeiro e novembro, as importações chinesas de soja aumentaram 6,9% em relação ao ano anterior, e totalizaram 104 milhões de toneladas. Entre outubro e novembro, contudo, os embarques 14,5%. Rosa Wang, analista da JCI, uma agroconsultoria sediada em Xangai, na China, comentou que as importações de soja em novembro ficaram um pouco abaixo de expectativas, contudo, ela avalia que no ano fechado de 2025 haverá recorde. “Esperamos que as importações potencialmente ultrapassem 110 milhões de toneladas, impulsionadas pelas fortes

compras do Brasil, bem como pela chegada de soja dos EUA”, disse Rosa.

As importações de soja pela China bateram recordes de maio a outubro deste ano, um período em que os compradores chineses aumentaram drasticamente as compras da América do Sul por temerem um déficit no suprimento, caso a guerra comercial entre Pequim e Washington continuasse. Isso, por fim, contribuiu para um aumento de oferta ao país, sobretudo depois do acordo entre Jinping e Trump. Wang Wenshen, analista da Sublime China Information, notou que os estoques de soja e farelo de soja nas esmagadoras domésticas es-



MARK SCHIEFFELBEIN/AP

Trégua entre Trump e Xi Jinping contribui para a alta de importações chinesas

tão atualmente altos. Wenshen estimou ainda que as importações de dezembro poderiam chegar a 8,6 milhões de toneladas, o que levaria as importações do ano inteiro a um recorde de cerca de 112 milhões de toneladas.

A China, que por meses evitou as compras da soja dos Estados Unidos em meio a um tenso impasse comercial entre os dois países, intensificou as importações recentemente, após as conversas entre os líderes dos dois países. A Cofco, compradora estatal de grãos, liderou essas aquisições, reservando cerca de 2,7 milhões de toneladas de soja dos Estados Unidos desde o final de outubro, de acordo com dados divulgados pelo Departamento de Agricultura norte-americano. Apesar disso, os negócios recentes permanecem bem abaixo da meta de fim de ano estipulada pela Casa Branca, de 12 milhões de toneladas. O secretário do Tesouro de Trump, Scott Bessent, sugeriu na semana passada que o prazo para essa meta poderia ser empurrado para o final de fevereiro, embora a China ainda não tenha confirmado oficialmente o volume ou o cronograma. **D**

Queda de braço em 2025

Ao longo dos meses neste ano a guerra entre Estados Unidos e China abrangeu os campos geopolítico, comercial e tecnológico. Só no que diz respeito à aplicação de taxas na área comercial, em no mínimo dois momentos houve escaladas tarifárias que ultrapassaram alíquotas de 145% – o que inviabilizaria a comercialização entre os dois países. CoAntudo, os mandatários – seja Donald Trump ou Xi Jinping – voltaram atrás. O episódio mais recente de tensão teve início ao final de setembro, quando Trump assinou acordo decisivo para retirar a chinesa ByteDance do controle do TikTok nos Estados Unidos alegando cuidado com o acesso a dados de cidadãos americanos (segurança nacional). Isso levou à retaliação chinesa, que endureceu as regras de controle das exportações de terras raras

(matérias-primas fundamentais para as indústrias de defesa e tecnologia, meninas dos olhos de Trump). Isso chacoalhou o cenário global. Levou os norte-americanos, por sua vez, a fecharem acordos com outros países fornecedores dos elementos e que detém a tecnologia de extração desses minerais, como a Austrália e o Japão. O episódio inclusive contribuiu para reforçar a via de negociação entre os Estados Unidos e o Brasil – um potencial fornecedor (futuro) de terras raras. Os brasileiros detêm a segunda maior reserva do planeta, embora o país precise avançar em sua política de mineração, o que envolve também obter tecnologia para retirar os elementos das minas. Ao final de outubro, contudo, Trump e Jinping decidiram-se por uma trégua de um ano durante uma reunião na Coreia do Sul. Paralelamente, contudo, as duas principais economias do mundo seguem buscando alternativas para reduzir sua interdependência.



MARK SCHIEFFELBEIN/AP

Altman, da OpenAI: legislação estadual pode afetar expansão da indústria

Um nó regulatório

Dante da escalada do uso de IA, Estados Unidos vivem queda de braço entre esferas estaduais e federal para regular essa indústria – e Trump defende “único manual”

Com a explosão de investimentos em inteligência artificial (IA) e a escalada de uso, os Estados Unidos vivem uma disputa pela regulamentação dessa indústria. Antes que se forme um nó nas instâncias estaduais e federal, o presidente norte-americano, Donald Trump, anunciou na segunda-feira, 8, que emitirá um decreto para retirar dos estados o direito de regulamentar a crescente indústria de IA, alegando ser essa uma prerrogativa do governo federal. Trump se manifestou em sua rede Truth Social, onde afirmou que “deve haver um único manual” se o país quiser continuar liderando em inteligência artificial. Os esforços do mandatário para controlar o desenvolvimento da IA

enfrentam uma intensa oposição política e jurídica.

O país busca manter a liderança nesse campo por razões de segurança nacional, especialmente em relação à China, e também porque a IA atualmente representa um dos maiores votores de investimento no país. No entanto, a Casa Branca enfrenta um profundo ceticismo no próprio Congresso, onde muitos democratas e alguns membros do partido Republicano de Trump desconfiam dos possíveis danos econômicos e sociais da tecnologia.

Em sua publicação, o presidente norte-americano fez uma advertência. “Estamos superando todos os países neste momento na corrida, mas isso

não vai durar muito se tivermos 50 estados, muitos deles atores negativos, envolvidos nas regras e no processo de aprovação”, escreveu. “Estarei emitindo uma ordem executiva de regra única nesta semana”, seguiu o mandatário americano. As pesquisas indicam que a preocupação sobre o impacto da IA no mercado de trabalho está crescendo, especialmente entre os jovens, que temem que as oportunidades de emprego sejam reduzidas. De acordo com um rascunho dessa ordem presidencial, revelado no mês passado pelo site The Hill, Trump já teria criado um grupo de trabalho dedicado a denunciar na Justiça as leis estaduais sobre IA.

A ideia de cortar a iniciativa dos estados é incentivada pelo conselheiro de Trump para temas de IA e criptomoedas, David Sacks, e conta com o apoio dos maiores atores do setor, como o chefe da OpenAI, Sam Altman, e o presidente e diretor executivo da Nvidia, Jensen Huang. “A regulamentação estadual da inteligência artificial frearia essa indústria e criaria um problema de segurança nacional, já que precisamos garantir que os Estados Unidos avancem na tecnologia o mais rápido possível”, disse Huang a jornalistas durante uma audiência no Congresso americano na semana passada. Os líderes da indústria reclamam que há mais de mil projetos de lei sobre IA atualmente em discussão nos Congressos estaduais.

O rápido avanço dessa tecnologia tem gerado dúvidas também entre investidores, que se perguntam se os valores de mercado das gigantes correspondem ao que efetivamente elas poderão entregar como resultado. As conhecidas “Big 7”, ou as Sete Magníficas – grupo negociado nas bolsas de valores americanas formado por Apple, Amazon, Meta, Alphabet (dona do Google), Nvidia, Microsoft e Tesla – têm enfrentado um forte sobe e desce em valor de mercado, fator que evidencia (e fomenta) a desconfiança em Wall Street, o coração financeiro dos Estados Unidos. Somente em 2025, essas empresas viveram pelo menos dois picos de queda trilionária. O último deles ocorreu entre outubro e novembro, quando em um recorte de um mês perderam US\$ 1,75 trilhão. Entre 20 de novembro e 3 de dezembro, contudo, haviam recuperado US\$ 1 trilhão. **D**



Wang Chuanfu, CEO da BYD: Dolphin Mini na liderança, apesar do segundo lugar ter sido perdido para a Geely

Pé no freio

Recesso de emplacamentos de elétricos entre outubro e novembro evidencia que apesar do volume de lançamentos, sobretudo de montadoras chinesas, as vendas não seguem o mesmo compasso

Lucca Mendonça

Algumas surpresas se apresentaram na lista dos carros elétricos mais vendidos de novembro. Uma delas é o registro do segundo mês consecutivo de queda nos emplacamentos de carros de passeio movidos a bateria – outra é uma movimentação do ranking dos preferidos pelo público. A Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrade) indica que o

número alcançou 7.202 exemplares em novembro – em outubro o número foi 7.826. Em setembro, 8 mil. Apesar do volume de lançamentos de novidades em elétricos no país, as vendas não estão acompanhando, pelo contrário. É também um retrato global, não só local.

Com o encolhimento de quase 8% entre outubro e novembro, ademais, alguns modelos perderam espaço. Cha-

Chineses dominam o top 10

1º: BYD Dolphin Mini

2º: Geely EX2

3º: BYD Dolphin

4º: BYD Yuan Pro

5º: BYD Seal

6º: Renault Kwid E-Tech

7º: Chevrolet Spark

8º: GWM Ora 03

9º: Volvo EX30

10º: Geely EX5

Modelos elétricos das montadoras chinesas BYD e Geely lideram o 'top 10' de vendas do mês de novembro

mou a atenção o desempenho do chinês BYD Dolphin, que, somando as versões GS e Plus, perdeu a vice-liderança de mercado para o conterrâneo Geely EX2 – contudo, a BYD segue no topo da lista com seu modelo Mini. Este, por sua vez, estreou há pouco tempo com preços bastante agressivos, mais que os da BYD. Esse fato, talvez, justifique essa ascensão um tanto meteórica.

Ainda assim, a BYD domina na lista de carros elétricos mais vendidos. Detém 62,3% do mercado e emplacou quase 4,5 mil exemplares de veículos elétricos, em comparação à fatia de 13,7% (e 985 carros) da também chinesa Geely, segunda colocada do ranking atual da Fenabrade. No topo da lista de elétricos mais vendidos segue, quase intocável, o BYD Dolphin Mini, com 2.880 unidades vendidas em novembro. Em outubro foram 2.793 unidades. □

Divulgação



Desafios dos elétricos

Uma das preocupações do brasileiro na hora de comprar um carro elétrico ou híbrido plug-in é o abastecimento. Embora a frota de veículos que exigem carregamento na tomada cresça no país, a infraestrutura de recarga caminha mais devagar. O país tem aproximados 16,8 mil eletropostos públicos e semipúblicos, uma relação de quase 18 veículos para cada ponto de recarga. A informação é da Tupy Mobilidade e da Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE), entregue recentemente à IstoÉ Dinheiro. É proporção vista como um obstáculo, especial mente quando comparada a mercados mais maduros, como a China, que tem uma relação de nove carros para cada eletroposto. Na União Europeia, outro exemplo, são doze carros para um eletroposto.

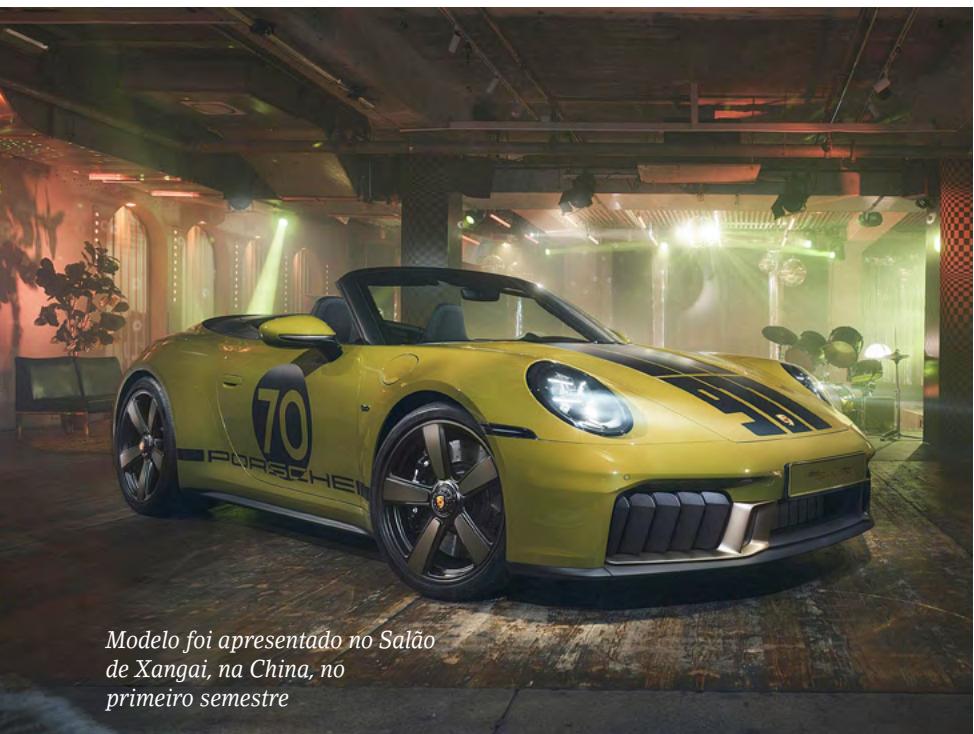
Para que o país atinja o cenário ideal de um carregador para cada dez veículos serão necessárias iniciativas privada e

pública, com volume de investimentos significativo e de diferentes agentes setoriais para acelerar a eletrificação, avaliam especialistas do setor. Apesar dos desafios, o mercado já mostra movimentações. O número total de pontos de recarga cresceu 14% em seis meses (14.827 em fevereiro para 16.880 unidades em agosto).

Entre as marcas que se destacam está a Porsche, que anunciou um investimento recente de R\$ 70 milhões, em parceria com a GreenV, para instalar 66 carregadores ultrarrápidos em rodovias, parte de um plano ambicioso de ter 104 pontos de recarga ultrarrápida até 2028 no país. Essa companhia, a GreenV, atua no meio (já trabalhou em parceria com marcas como BYD, Audi e Volkswagen) e já instalou pouco mais de dez mil pontos de recarga residenciais e dois mil em concessionárias e locais públicos. Vale

dizer que o investimento anunciado pela Porsche reflete uma tendência observada no mercado brasileiro: o crescimento exponencial dos carregadores rápidos. A principal diferença entre os carregadores rápidos e os lentos para carros elétricos está na potência e, consequentemente, na velocidade de recarga. A distinção é fundamental porque o tipo de bateria está atrelado à infraestrutura necessária para o carregamento. Nos últimos seis meses, o número de pontos de recarga ultrarrápidos saltou 59%, chegando a 3.855 unidades.

O avanço foi impulsionado pela queda nos custos dos equipamentos e pela crescente demanda dos usuários por recargas mais velozes em longas distâncias. Mesmo com o crescimento, os carregadores rápidos ainda representam 23% do total da infraestrutura de recarga, enquanto os pontos de carga lenta ainda são maioria, com 77% (ou 13.025 unidades).



Modelo foi apresentado no Salão de Xangai, na China, no primeiro semestre

número personalizável reforçam o clima de competição, enquanto o brasão inspirado no emblema original de 1963 completa o conjunto. Por dentro, o destaque é o retorno do padrão pasha (tecido xadrez clássico da Porsche em décadas anteriores), agora reinterpretado na combinação preto/olive neo. O tecido aparece nos bancos esportivos e em partes do painel. O acabamento é complementado por couro club preto basalto. Já o painel digital de 12,65 polegadas traz ponteiros brancos e grafismos verdes em referência ao Porsche 356.

O 911 Spirit 70 reforça também o papel da divisão de personalização a montadora, a Exclusive Manufaktur, que já oferece mais de mil opções e deve ampliar sua capacidade nos próximos anos, acompanhando o crescimento da demanda mundial por modelos especiais e séries limitadas. **D**

Luxo na China

O modelo foi apresentado na mais recente edição, de 2025, do Salão do Automóvel de Xangai, que acontece a cada dois anos na China. O evento deste ano aconteceu entre abril e maio, e é importante referência já que o mercado chinês é a principal fonte de veículos elétricos e híbridos importados mundo afora – incluindo o Brasil. Muitos veículos lançados por lá, como modelos novos da BYD e GWM, além de Omoda e Jaecoo, estão confirmados como lançamentos para o mercado brasileiro. O evento serviu para executivos chineses e interessados no mercado do Brasil discutirem

estratégias para o avanço da produção por aqui. Especificamente no segmento de luxo, além do destaque apresentado pela Porsche, outras montadoras clássicas como a Mercedes-Benz apresentaram novidades. A Mercedes levou a sua linha Mythos, limitada, e formada por conversíveis exclusivos; a BMW eletrificou a divisão M (esportivos de alto desempenho) e a Rolls-Royce apresentou novidades em seu Spectre elétrico. O evento, na China, também serviu para trazer à tona modelos focados em outros públicos-alvo de consumo, que não o de modelos de luxo.

Estilo em rodas

Primeiro Porsche 911 Spirit 70, de R\$ 1,5 milhão, desembarca no Brasil. Modelo reúne apenas 1,5 mil unidades no mundo e terá onze donos no país

Lucca Mendonça

Apresentado no Salão de Xangai, na China, deste ano, o Porsche 911 Spirit 70 começa a desembarcar no Brasil – e a primeira unidade já foi entregue. O conversível faz parte da linha Heritage Design, que resgata elementos de eras marcantes da marca combinados com a tecnologia atual. A produção mundial é limitada a 1,5 mil unidades, das quais onze serão destinadas ao mercado brasileiro. Cada uma custa R\$ 1,54 milhão por aqui.

O 911 Spirit 70 é o terceiro modelo 911 no qual a icônica Porsche revive uma década com a ajuda de elementos de design de veículos anteriores. O primeiro foi o 911 Targa 4S Heritage Design, apresentado em 2020, num estilo da década de 1950 e início dos anos 1960. Com o 911 Sport Classic, de 2022, a montadora foi para os dez anos seguin-

tes, e quis reviver o estilo dos anos 1960 e início dos anos 1970. Agora, com o Spirit 70, o foco está no período compreendido entre os anos 1970 e 1980.

Baseado no Carrera GTS Cabriolet híbrido, o 911 Spirit 70 usa o novo motor boxer 3.6 combinado ao sistema T-Hybrid, que reúne turbocompressor elétrico e motor elétrico integrado à transmissão PDK, automatizada de dupla embreagem e oito marchas. Ao todo, entre suas características, entrega 541 cavalos e mais de 61,5 mkgf de torque, o que, traduzindo, permite aceleração de 0 a 100 quilômetros por hora em apenas 3,1 segundos. A velocidade máxima supera os 310 quilômetros/hora.

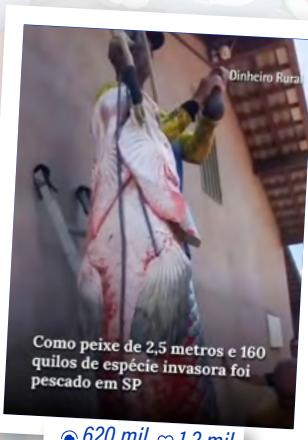
A carroceria estreia a cor exclusiva “olive neo”. Faixas pretas no capô e grafismos laterais com inscrição Porsche e

Pesca valiosa, bilionária brasileira e tombo da bolsa

O pirarucu amazônico que chegou a um rio paulista, a mais jovem construtora de fortuna pessoal destaque na Forbes e o efeito Flávio Bolsonaro na B3 foram destaques das redes

Como peixe de 2,5 metros e 160 quilos de espécie invasora foi pescado em SP

O pescador Roberto do Carmo, de 53 anos, conseguiu fisgar e retirar do rio um pirarucu (um peixe amazônico) de 2,5 metros de comprimento e 160 quilos, em Cardoso, no interior paulista. A façanha aconteceu no dia 28 de novembro, no Rio Marinheiro, um afluente do Rio Grande, que divide os Estados de São Paulo e Minas Gerais. Carmo, que vive da pesca, precisou de ajuda de colegas para colocar o peixe no barco, e comercializou mais de 100 quilos de filé.



620 mil ♥ 1,2 mil

Ibovespa tomba e dólar dispara com Flávio Bolsonaro pré-candidato

O Ibovespa fechou em queda de mais de 4% na sexta, 5, abaixando dos 158 mil pontos, após ter ultrapassado mais cedo pela primeira vez os 165 mil pontos, renovando topo histórico. Já o dólar à vista fechou aos R\$ 5,43, com alta de 2,34%. A visão do mercado é de que a escolha do ex-presidente divide a oposição, torna mais difícil a candidatura de Tarcísio de Freitas e deixa Lula mais forte para a reeleição.



163 mil ♥ 2,1 mil

Elas criaram o 1º drink nacional com adaptógenos, que imitam os efeitos do álcool

Fundadoras da LUCIA, as influenciadoras Bertha Jucá e Victória Linhares lançaram o primeiro aperitivo não alcoólico do país, unindo saúde e experiência sensorial. Em menos de um mês, a marca vendeu 7 mil litros e esgotou três lotes consecutivos.



15 mil ♥ 78

Bilionária selfmade mais jovem do mundo é brasileira nascida em SC

Aos 29 anos, a brasileira Luana Lopes Lara se tornou a bilionária mais jovem do mundo a ter construído sua própria fortuna, segundo a Forbes. A catarinense natural de Joinville desbancou Lucy Guo, americana cofundadora da Scale AI, que se tornou bilionária aos 31 anos. Antes das duas, o posto era ocupada por ninguém menos que Taylor Swift.



152 mil ♥ 998

Cofundadora da Binance, Yi He assume o comando da gigante da criptomoedas

Yi He, cofundadora da Binance, foi nomeada co-CEO ao lado de Richard Teng, após a saída de Changpeng Zhao. A executiva, presente desde 2017, assume o cargo em um momento de reposicionamento da empresa após escândalos regulatórios.



1 mil ♥ 20

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

"Me emociona pensar no impacto que essa indicação pode ter. Saber que eu posso ajudar a abrir caminhos e mostrar que sonhos são possíveis é o que realmente dá sentido a tudo isso"

Tarciana Medeiros, presidente do BB, sobre sua inclusão na lista das cem mulheres mais poderosas da Forbes em 2025



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

"Os devedores contumazes já são conhecidos, mas nós não tínhamos instrumentos para agir, justamente por causa dessas brechas na legislação"

Fernando Haddad, ministro da Fazenda, sobre aprovação, pela Câmara, do PL dos devedores contumazes, ou seja, empresas que deixam de pagar impostos de forma reiterada



HEIKO BECKER/REUTERS

"Nos últimos exercícios melhoramos nossas projeções. Minha suspeita é que talvez façamos isso novamente em dezembro"

Christine Lagarde, presidente do banco central europeu, sobre a resiliência da economia da zona do euro diante de tensões comerciais com Estados Unidos e China



DENIS BALIBOUSE/REUTERS

"Estamos bem posicionados para esperar e ver como a economia evolui. A política monetária não está em um curso predefinido e tomaremos nossas decisões reunião a reunião"

Jerome Powell, presidente do Federal Reserve, sobre a redução da taxa de juros nos Estados Unidos



KEVIN LAMARQUE/REUTERS

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

